

Dietrich Bonhoeffer e a Vivência Integral da Fé

O objetivo deste capítulo é recuperar dados da vida e da obra de Dietrich Bonhoeffer – teólogo marginalizado por aqueles que vêem em seu engajamento político um risco para a correção doutrinária da igreja e um sério desvio em relação à ortodoxia teológica cristã – que caracterizem sua vivência integral da fé. Procura-se, desse modo, contribuir para iluminar a caminhada batista brasileira na superação do dualismo que limita o evangelho e sua ética social.

Como ver, nas tensões da vida – alegria e dor, união e separação, indivíduo e comunidade, vida e morte – o Cristo que viveu através de Bonhoeffer? É possível viver uma busca pela integridade tal que a vontade de Deus seja manifesta a todos como unidade em meio à diversidade? Dietrich Bonhoeffer pensou, falou e viveu de tal forma que tanto seu triunfo quanto sua tragédia pessoais serviram igualmente para a exaltação do Cristo vivo e para o serviço do Reino de Deus no mundo.

Para usar as palavras que ele empregou no funeral de sua avó, Julie Bonhoeffer, em 15 de janeiro de 1936: “*não somente sua vida, mas também sua morte deve ser para nós um ensinamento.*”¹⁴⁶ A forma como ele viveu e morreu mostra a harmonia entre a sua mística e sua militância, o que significa dizer que Bonhoeffer é sem qualquer dúvida um daqueles cristãos cujo exemplo destrói por completo a assertiva de Nietzsche de que “*no fundo só existiu um cristão, e ele morreu na cruz.*”¹⁴⁷

¹⁴⁶BONHOEFFER, D. *Dietrich Bonhoeffer: prédicas e alocuções*, trans. MALSCHITZKY, H., *Dietrich Bonhoeffer* (São Leopoldo: Sinodal, 2007). p. 91.

¹⁴⁷NIETZSCHE, F.W. *O Anticristo*, trans. NASSETTI, P. (São Paulo: Martin Claret, 2001). p. 71-85.

2.1

Antecedentes familiares e infância

De ambos os lados, a árvore genealógica da família Bonhoeffer possui uma grande herança histórica. A linha paterna pode ser traçada desde 1513, quando seus ancestrais se mudaram da Holanda para Schwäbisch-Hall, na Alemanha. Nesse ramo familiar encontram-se ourives, médicos, clérigos e advogados. Pelo lado materno, Dietrich Bonhoeffer é originário de uma família da alta burguesia prussiana, não especialmente religiosa, mas com profunda convicção espiritual.¹⁴⁸ Seus familiares eram sensíveis aos acontecimentos que agitavam a Europa do início do século XX e que viriam a culminar com a tragédia representada pela I Guerra Mundial.¹⁴⁹



Figura 4: Karl e Paula Bonhoeffer logo após o casamento em Breslau

[http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.sociedadebonhoeffer.hpg.ig.com.br/8.jpg
&imgrefurl=http://www.freewebs.com/canaldoconhecimento/biografia](http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.sociedadebonhoeffer.hpg.ig.com.br/8.jpg&imgrefurl=http://www.freewebs.com/canaldoconhecimento/biografia)

¹⁴⁸GRUNCHY, J.W.D. ed., *The Cambridge Companion to Dietrich Bonhoeffer, Companions to major topics and key figures in theology and religious studies* (Cambridge: Cambridge University Press, 2005). p. 22-24.

¹⁴⁹BETHGE, E. *Dietrich Bonhoeffer: A Biography*, ed. THEOLOGIAN, C., MAN FOR HIS TIMES, trans. MOSBACHER, E., et al., Revised Edition ed. (Minneapolis: Fortress Press, 2000). p.3-29.



Figura 5: Dietrich e sua irmã gêmea Sabine

[http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.sociedadebonhoeffer.hpg.ig.com.br/8.jpg
&imgrefurl=http://www.freewebs.com/canaldoconhecimento/biografia](http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.sociedadebonhoeffer.hpg.ig.com.br/8.jpg&imgrefurl=http://www.freewebs.com/canaldoconhecimento/biografia)



Os 7 primeiros filhos do casal Bonhoeffer



Dietrich

Figura 6

[http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.ekd.de/bilder/bonhoeffer
web_4.jpg&imgrefurl](http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.ekd.de/bilder/bonhoefferweb_4.jpg&imgrefurl)

O conflito explodiu quando aquele que viria a ser pastor, teólogo, escritor espiritual, músico e poeta e um dos mais influentes pensadores cristãos do século XX estava com oito anos de idade. Nascera em 04 fevereiro de 1906, em Breslau, Alemanha, dez minutos antes de sua irmã Sabina. Sexto dos oito filhos de Karl Bonhoeffer e Paula von Hase, era o mais novo dos meninos. Quando estava com sete anos de idade a família transferiu-se para Berlim, onde seu pai, um reconhecido psiquiatra e neurologista, assumiu a chefia do Instituto de Psiquiatria de Berlim e o magistério na universidade local.¹⁵⁰



Figura 7: Paula com seus oito filhos

www.mpibpc.gwdg.de

A Igreja Luterana via no eventual triunfo dos adversários da Alemanha um risco para ela própria e para a comunidade alemã e européia, razão pela qual apoiou a entrada do país na Guerra. O irmão mais velho de Bonhoeffer, Walter (gêmeo com Karl-Friedrich), de 18 anos, apresentou-se voluntariamente para o

¹⁵⁰GRUNCHY, ed., *The Cambridge Companion to Dietrich Bonhoeffer*. p.23-24.

confronto. Foi ferido no dia 23 de abril de 1918, na França 151 e morreu cinco dias depois em um hospital de campanha. Sua morte deixou a família visivelmente abalada, em especial sua mãe, que caiu numa depressão profunda que durou muito tempo.¹⁵² Entre os muitos efeitos negativos da guerra pode-se arrolar a desilusão dos combatentes no retorno a casa e o descrédito sofrido pela Igreja no pós-guerra. A dura experiência contribuiu para consolidar na personalidade de Bonhoeffer sua resistência ao uso da violência. No entanto, não muito tempo depois, participou do complô para matar Hitler?¹⁵³

2.2

A formação teológica

De 1919 a 1923, Bonhoeffer estudou no ginásio do luxuoso distrito de Grunewalde, em Berlim, onde residia sua família, que se relacionava com os mais elevados níveis sociais da Alemanha. O adolescente Dietrich teve a oportunidade de conviver com os filhos da elite. Era assistido por uma privilegiada estrutura de empregados domésticos: uma tutora (Maria Horn), uma babá, uma cozinheira, uma recepcionista para o consultório de seu pai e um motorista.¹⁵⁴ Nesse período ele decidiu ser pastor e teólogo, e segundo Berthge, parece nunca ter vacilado em sua pretensão.¹⁵⁵

¹⁵¹BONHOEFFER, *Resistência e Submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. p. 55.

¹⁵²GRUNCHY, ed., *The Cambridge Companion to Dietrich Bonhoeffer*. p. 25.

¹⁵³BETHGE, *Dietrich Bonhoeffer: A Biography*. p. 672-676.

¹⁵⁴SLANE, C.J. *Bonhoeffer, o mártir: responsabilidade social e compromisso cristão moderno*, trans. JUSTINO, E. (São Paulo: Editora Vida, 2007). p. 30.

¹⁵⁵BETHGE, *Dietrich Bonhoeffer: A Biography*. p. 36.



Figura 8



Figura 9: Foto para a carteira de estudante em Berlim

www.g-daf-es.net/bilder/bonhoeffer/iglesia.jpg

Sua decisão de estudar Teologia foi surpresa para sua família.¹⁵⁶ Desapontado e com pesar, já que seus irmãos haviam escolhido carreiras promissoras, seu pai lhe escreveu uma carta aconselhando-o sobre a decisão. A família procurou dissuadi-lo de seguir a carreira teológica. Argumentavam que não valia a pena seu engajamento na Igreja, organização pobre, ineficaz e maçante – numa palavra, uma mesquinha instituição burguesa. A resposta de Bonhoeffer: “*Neste caso, vou reformá-la*”.¹⁵⁷

Estudou um ano na Universidade de Tübingen e dedicou-se à leitura de obras teológicas. Nesse período foi fortemente influenciado pelo professor de Novo Testamento, Adolf Schlatter, que municiou seus alunos com uma cosmovisão que mais tarde foi sustentada pela teologia de Bonhoeffer. Nos seus estudos bíblicos objetivava integrar o que se referia como “*o natural*” ao que o Novo Testamento chama de “*bom*”. O modo de Schlatter abordar as Escrituras influenciou tanto a epistemologia como a teologia holística de Bonhoeffer.¹⁵⁸ Também o ajudou na compreensão da Teologia liberal de Barth e de Bultmann, que mais tarde apresentaria nos seus escritos da prisão.¹⁵⁹

Juntamente com o irmão mais velho Bonhoeffer passou três meses em Roma e Norte da África, numa viagem que iria encantá-lo por toda a sua vida. A glória da Roma Antiga o atraía muito, assim como a exuberância e beleza do Renascimento. Ficou encantado com a liturgia romana, pois a liturgia de sua Igreja em Berlim, simplificada desde os dias de Lutero, parecia pobre e vazia aos seus olhos quando comparada à de Roma.

Com a idade de dezenove anos matriculou-se na Universidade de Berlim, onde terminou seus estudos. Lá foi aluno de Adolf Von Harnack¹⁶⁰ e de outros importantes teólogos liberais: Holl, Friedrich Schleiermacher, Albrecht Ritschl, Reinhold Seeberg, Lietzmann e Lütgert. A influência de Adolf Schlatter foi

¹⁵⁶ALEMANY, J.J. *Dietrich Bonhoeffer: Responsabilidad cristiana en un mundo adulto*, SalTerrae, septiembre 1997 1997. p. 677.

¹⁵⁷BETHGE, *Dietrich Bonhoeffer: A Biography*, GRUNCHY, ed., The Cambridge Companion to Dietrich Bonhoeffer. p. 25.

¹⁵⁸BETHGE, *Dietrich Bonhoeffer: A Biography*. p. 53-54.

¹⁵⁹RUMSCHEIDT, M. *The formation of Bonhoeffer's theology*, in *The Cambridge companion to Dietrich Bonhoeffer* ed. GRUNCHY, J.W. (Cambridge: Cambridge University Press, 2005). p. 52.

¹⁶⁰Adolf von Harnack, teólogo e historiador protestante (1851-1930), em sua obra a História do Dogma, em três volumes, defendeu a tese de que o dogma cristão é obra do espírito grego sobre o fundamento do Evangelho; propunha uma perspectiva histórico-crítica da religião.

equilibrada pela de Harnack com seu forte senso histórico. Nesse período, muito o estimulou o estudo sobre Martinho Lutero,¹⁶¹ orientado por Reinhold Seeberg.¹⁶²



Figura 10: Família Bonhoeffer, 1926

www.mpibpc.gwdg.de

Doutorou-se aos 21 anos. Com o objetivo de cumprir um ano de prática pastoral na comunidade germano-luterana, parte de sua preparação para a ordenação, foi para Barcelona. Nesse tempo, com apenas 22 anos de idade, envolveu-se totalmente na vida da Igreja. Naquele ano pregou 19 vezes, iniciou um culto para as crianças, ensinou a classe de meninos e participou dos problemas da comunidade. No meio do ano, escreveu uma carta ao amigo Helmut Rössler na qual se declarava decepcionado com o que encontrou: os membros da Igreja viviam totalmente alheios aos problemas e necessidades das pessoas pobres que moravam ao seu redor.¹⁶³

¹⁶¹RUMSCHEIDT, *The formation of Bonhoeffer's theology*. p. 57-59.

¹⁶²Teólogo e historiador da Igreja (1859-1935), seu livro mais conhecido no Brasil é *Manual de História das Doutrinas*.

¹⁶³BETHGE, *Dietrich Bonhoeffer: A Biography*. p. 111.

Essa temporada foi muito rica, marcando toda sua vida cristã e seu pensamento teológico. Ali Bonhoeffer começa a utilizar uma teologia de signo marcadamente encarnatório, de presença e inserção no mundo a partir de uma fundamentação cristológica.¹⁶⁴ Seu supervisor de estágio escreveu:

“Ele provou ser muito competente em todos os aspectos e tem sido um grande colaborador no meu trabalho. Mostrou-se particularmente capaz de atrair as crianças, que gostam muito dele. Temos atualmente uma média de quarenta crianças freqüentando a Escola Bíblica Dominical. Ele se tornou muito popular na nossa comunidade”.¹⁶⁵

Devido ao seu desempenho na Igreja e na comunidade, Bonhoeffer foi convidado a permanecer em Barcelona para um segundo ano, mas preferiu seguir seus estudos nos Estados Unidos.

Seus trabalhos desde jovem apresentam clareza, profundidade, sutileza e uma maturidade que oculta continuamente a juventude de seu autor. Sua tese de doutorado, “*Sanctorum Communio*” ou Comunhão dos Santos, escrita sob a orientação de Seeberg no fim do terceiro ano na Universidade de Berlim (1924-1927), foi recebida com honras. Foi seu primeiro trabalho escrito. Tratou-se de um trabalho teórico, de perfil marcadamente acadêmico, não para o público em geral, porém muito importante por servir de fundamentação para seus trabalhos teológicos subseqüentes. Na maior parte desse trabalho o jovem pesquisador dialoga com pensadores de peso como Lutero, Barth e Kant, entre outros. Dos cinco capítulos, os quatro primeiros são utilizados para colocar as bases filosóficas e sociológicas da visão da Igreja. No quinto, intitulado “*Sanctorum Communio*”, que representa a metade da tese, Bonhoeffer sai das construções intelectuais teóricas dos capítulos anteriores e investiga a realidade da Igreja. Nele, escreve a história da Igreja alemã no início do século XX. A tese foi publicada três anos mais tarde, em 1930.¹⁶⁶

Muitos foram os professores que lhe serviram de referência, como já citado, porém a maior influência teológica veio dos escritos de Karl Barth, de quem não tinha sido aluno nem ouvira prelecionar. Conhecia-o apenas pelos seus

¹⁶⁴ALEMANY, Dietrich Bonhoeffer: Responsabilidad cristiana en un mundo adulto. p. 677

¹⁶⁵Tradução minha GRUNCHY, ed., *The Cambridge Companion to Dietrich Bonhoeffer*.

¹⁶⁶ROBERTSON, E.H. *Dietrich Bonhoeffer: Introducción a su Pensamiento Teológico*, trans. PARKER, J.D. (El Paso: Editorial Mundo Hispano, 1975). p.33.

escritos, principalmente pelo seu comentário de Romanos publicado em 1919. Barth havia liderado o movimento da nova teologia dialética. Bonhoeffer, assim como Barth, rejeitara a teologia liberal do século XIX, com seu foco na religião humana. Concordou com a concepção barthianiana da natureza e método da teologia, adotando a teologia de Barth, da graça revelada em Jesus Cristo como Palavra de Deus, conforme atestada na Escritura e proclamada pela Igreja.

Bonhoeffer afirmava que Deus está revelado em Cristo e somente em Cristo. Embora respeitando a Barth,¹⁶⁷ não recebeu crítica-lo nos pontos em que discordava de sua cristologia e nem de ir além, nos pontos em que considerou que Barth estava equivocado. Os pontos de discordâncias centravam-se no Barth do primeiro período.¹⁶⁸ Ao ler a tese de Bonhoeffer, Barth considerou-a um milagre teológico¹⁶⁹ e reconheceu no jovem teólogo alemão o seu discípulo.¹⁷⁰

Luterano convicto, Bonhoeffer demonstrava um conhecimento claro, singular, de outras igrejas, incluindo a Católica Romana e a Batista que ele conheceu mais profundamente quando a freqüentou no período que morou nos Estados Unidos.¹⁷¹ Sustentava na referida tese que a Igreja não se podia descrever adequadamente em termos sociológicos, somente se pode crer nela, com base numa fé legitimamente cristã, como obra de Deus: a Igreja é “*Cristo existindo como igreja-comunidade*”.¹⁷² Propugna por um diálogo entre a sociologia e a teologia, acreditando que um pouco de rigor intelectual faria bem ao cristianismo em sua busca por compreender a posição da Igreja no mundo.¹⁷³

A Igreja, segundo ele, só poderia ser compreendida apropriadamente como resultado de um ato divino e não só de uma experiência dos seus membros.¹⁷⁴ Bonhoeffer se movia entre duas idéias: a Igreja como uma sociedade histórica e Igreja como Reino de Deus. Como sociedade histórica porque ela está na história e é o resultado da ação de Deus na história. Como Reino de Deus por ser uma realidade presente, antecipando a expressão plena no mundo vindouro, que já está

¹⁶⁷BOSANQUET, M. *The life and death of Dietrich Bonhoeffer* (New York: Harper & Row, 1968). p. 58-59.

¹⁶⁸RUMSCHEIDT, *The formation of Bonhoeffer's theology*. p. 61-65.

¹⁶⁹HAUERWAS, S. *Performing the faith: Bonhoeffer and the practice of nonviolence* (Grand Rapids: Brazos Press, 2004). p. 38.

¹⁷⁰ROBERTSON, *Dietrich Bonhoeffer: Introducción a su Pensamiento Teológico*. p. 17.

¹⁷¹Ibid. p. 33.

¹⁷²BETHGE, *Dietrich Bonhoeffer: A Biography*. p. 83.

¹⁷³ROBERTSON, *Dietrich Bonhoeffer: Introducción a su Pensamiento Teológico*. p. 34.

¹⁷⁴Ibid. p. 34.

aqui, porém não em sua plenitude. Para entender a Igreja, necessita-se clarificar três conceitos: pessoa, comunidade e Deus. Bonhoeffer entrelaça estes três conceitos para explicar de maneira dramática e convincente a visão da Igreja como a comunidade de pecadores e os atos redentores de Cristo.¹⁷⁵

Como a comunidade é composta de pessoas, para entendê-la torna-se necessário definir o conceito de pessoa. Para isso, Bonhoeffer recorre aos conceitos de pessoa em Aristóteles,¹⁷⁶ nos Estóicos,¹⁷⁷ nos Epicureus¹⁷⁸ e na tradição idealista a partir de Kant. Após refletir sobre o conceito de pessoa ele desenvolve a idéia da situação do homem antes e após a rebelião em relação a Deus. A queda é a ruptura do nexos entre Deus e o homem, ou seja, é a rachadura do tecido da humanidade. Essa ruptura afeta toda a idéia de comunidade, que é um projeto de Deus para sua criatura. Somente Cristo faz a reconciliação do homem com Deus, mas o tecido, segundo Bonhoeffer, é restaurado na Igreja, uma vez que é dela a Igreja que se proclama a Palavra reconciliadora de Deus e onde se administram os sacramentos: “*Uma comunidade cristã se mantém unida por sua assembléia em redor da palavra – na pregação e administração dos sacramentos.*”¹⁷⁹

A tese de Bonhoeffer não se baseava na Igreja que ele conhecia. Na verdade, ele estava desiludido com a forma da Igreja existir. A Igreja viva, verdadeira comunidade cristã, corresponde mais à sua teologia do que à sua observação.¹⁸⁰ Sua segunda tese, *Akt und Sein* (Ato e Ser), foi escrita em decorrência da intenção de se qualificar como docente da Universidade de Berlim. Iniciada em 1929, quando de sua volta de Barcelona para Berlim, foi aceita em 18 de julho 1930. Bonhoeffer levou dezoito meses para escrevê-la.¹⁸¹ Na perspectiva da Teologia Reformada, o autor analisa a questão do pecado humano como um fechamento da pessoa em si mesma, e de sua não abertura à revelação de Deus e ao próximo, o que faz com que a vivência social careça de sentido e substância. O ser humano em seu estado de corrupção encontra-se de fato só. Por isso, o

¹⁷⁵Ibid. p. 34-35.

¹⁷⁶O homem se transforma em pessoa por participar da razão.

¹⁷⁷Um homem se transforma em uma pessoa se submetendo a uma obrigação mais elevada.

¹⁷⁸A vida do homem se eleva pelo prazer.

¹⁷⁹ROBERTSON, *Dietrich Bonhoeffer: Introducción a su Pensamiento Teológico*. p. 35.

¹⁸⁰Ibid. p.35-36.

¹⁸¹GRUNCHY, ed., *The Cambridge Companion to Dietrich Bonhoeffer*. p. 76.

Evangelho ensina que esse pecaminoso isolamento do ser humano em relação à revelação, bem como sua respectiva reconciliação com Deus, encontram sua resolução em Cristo.

Bonhoeffer dá muita importância à vida em comunidade, inclusive por causa das tradições de vida social de sua família. Bonhoeffer assinala que o desprezo de pretensos cristãos pelo envolvimento pessoal com a Igreja visível de Jesus Cristo, é o oposto da santificação que se espera dessa Igreja, que está no mundo sem ser dele:

“Santificação, pois, somente existe – em primeiro lugar – na Igreja visível. A visibilidade da Igreja é característica decisiva da santificação. A reivindicação de espaço no mundo por parte da Igreja, e a conseqüente delimitação do espaço no mundo, revelam que a Igreja está no estado de santificação. O selo do Espírito Santo sela a Igreja contra o mundo. No poder desse selo, a Igreja deve fazer valer direitos sobre o mundo inteiro, ao mesmo tempo que deve exigir para si um certo espaço no mundo, estabelecendo entre si e o mundo limites nítidos.

Por ser a Igreja a cidade edificada sobre o monte pelo próprio Deus – pólis (Mt 5:14) – e por ser como tal a propriedade selada de Deus, por isso o caráter político faz parte indispensável da santificação. Sua “ética política” tem suas raízes exclusivamente na santificação: que mundo é mundo, e Igreja, Igreja, e que, assim mesmo, a Palavra de Deus parte, a partir desta Igreja, sobre o mundo todo, que o mundo e o que nele existe pertence ao Senhor; esse é o caráter “político” da Igreja. Uma santificação pessoal que quer desconsiderar esta limitação publicamente visível entre Igreja e mundo confunde os desejos piedosos da carne religiosa com a santificação da Igreja conquistada na morte de Cristo pelo selo de Deus. É o orgulho enganador e o falso pendor espiritual do velho homem que quer ser santo fora da comunhão visível dos irmãos.”¹⁸²

Bonhoeffer reconhece a dualidade Igreja-mundo sem se deixar prender no ardil do dualismo radical. Ele alerta seus ouvintes e leitores sobre o perigo de querer ser santo fora da vivência comum e da comunhão visível dos irmãos:

“Atrás da humildade dessa religiosidade privativa esconde-se o desprezo do corpo de Cristo como sendo a Igreja visível dos pecadores justificados. Desprezo do corpo de Cristo, porque aprova a Cristo tomar sobre si visivelmente a minha carne e levá-la sobre a cruz; desprezo da comunhão, porque quero ser santo para mim, sem os irmãos; desprezo dos pecadores, porque, em santidade auto-escolhida, retiro-me da forma pecaminosa de minha Igreja. Santificação fora da Igreja visível é declarar-se santo a si mesmo.”¹⁸³

¹⁸²BONHOEFFER, D. *Discipulado*, trans. KAYSER, I., 2002 ed. (São Leopoldo - RS: Editora Sinodal, 2002). p. 174-175.

¹⁸³Ibid. p. 174-175.

Para ele, a relação do ser humano com Deus e com os seus semelhantes se dá na liberdade. Nessa perspectiva, Deus não é livre “dos” seres humanos, mas “para” os seres humanos. A mais forte evidência desse desejo de Deus a favor do ser humano foi mostrado na sua livre disposição de se ligar historicamente aos seres humanos e a favor deles. Jesus Cristo é a palavra da liberdade de Deus.¹⁸⁴ Essa palavra é paradigmática: “liberdade é liberdade para”. O ser humano é pessoa diante de Deus e em relação com Deus. Também é pessoa em relação com os outros seres humanos, isto é, com a comunidade.¹⁸⁵ A pessoa só conhece a revelação em sua relação com a comunidade. Pois é na comunidade que Cristo é pregado e recebido pelo indivíduo. Na igreja-comunhão é que se garante a continuidade da revelação. Nesse ponto, manifesta-se na teologia de Bonhoeffer o peso da tradição teológica luterana que compreende a Igreja como a comunhão dos santos. A articulação trinitária está presente no trabalho de Bonhoeffer, mas seu foco é Cristocêntrico.¹⁸⁶

A tese *Ato e Ser* garantiu a Bonhoeffer uma vaga para ensinar na Universidade de Berlim¹⁸⁷ e lhe abriu a oportunidade para uma bolsa de intercâmbio nos Estados Unidos.¹⁸⁸ Nesse período ele percebeu a grande distância que havia entre a sua visão da comunhão dos santos e a comunidade burguesa protestante que ele havia conhecido na Igreja de Barcelona. Quando estava em Barcelona escreveu três cartas (para sua família, Harnack e Seeberg) que foram posteriormente publicadas, todas referentes à sua estada na cidade espanhola: *A Tragédia do Movimento Profético e o seu Significado Duradouro*; *Jesus Cristo e a Essência do Cristianismo*; e *Questões Básicas na Ética Cristã*.¹⁸⁹

Já se observa nesse período a clara preocupação de Bonhoeffer com o ser humano. A situação que encontrara em Barcelona muito o incomodou. A Igreja vivia alheia aos problemas e necessidades dos pobres da comunidade local. Intramuros, não buscava fazer diferença na comunidade, o que para ele era inaceitável. Na sua concepção Igreja é “Cristo existindo na comunidade” e como

¹⁸⁴FLOYD, W.W. ed., *Dietrich Bonhoeffer Works*, Volume 2 - Act and Being, 16 vols., vol. 2 (Minneapolis: Fortress Press, 1996). p. 90-91.

¹⁸⁵GRUNCHY, ed., *The Cambridge Companion to Dietrich Bonhoeffer*. p. 115.

¹⁸⁶BONHOEFFER e WEDEMEYER, *Cartas de amor desde la prisión*. p. 258.

¹⁸⁷Ver figura 14 na página 176.

¹⁸⁸BETHGE, *Dietrich Bonhoeffer: A Biography*. p. 125-145.

¹⁸⁹GRUNCHY, ed., *The Cambridge Companion to Dietrich Bonhoeffer*. p. 75.

tal ela deve estar inserida no contexto local e integrar tudo à volta, tornando as relações mais humanas e fraternas. Desta forma o autor busca superar a dicotomia Igreja e mundo, assim como a separação entre amar a Deus e ao próximo: amar a Deus significa amar ao próximo, inclusive aos pobres.

2.3

Expandindo o horizonte ecumênico

Embora possuidor de extenso conhecimento filosófico, sociológico e histórico, como demonstrou nas suas teses, Bonhoeffer ainda se ressentia de uma experiência teológica transcultural mais profunda. No dia 5 de setembro de 1930 viajou para Nova Iorque a fim de cursar seu pós-doutorado no *Union Theological Seminary*. No primeiro momento, teve uma péssima impressão da Igreja Protestante norte-americana. Para ele, esta Igreja era o protestantismo sem reforma.¹⁹⁰ Percebeu que só na Igreja negra se pregava sobre o pecado, a graça, o amor de Deus e a esperança final, ainda que de modo diferente do que se pregava na Alemanha.

Nos Estados Unidos Bonhoeffer foi desafiado a entender o conceito de “denominação” e seu significado para a unidade da Igreja.¹⁹¹ Também percebeu que para os americanos nos Estados Unidos a Igreja Luterana não era bem compreendida. Aqueles a associavam com clericalismo e direitos exclusivos, já que seus pastores eram funcionários do governo. Assim, na sua experiência norte-americana, Bonhoeffer reestruturou seu conceito de igreja. Enquanto no Protestantismo da Reforma (Igrejas na Europa) a unidade da Igreja se baseava em sua origem – Jesus Cristo –, as igrejas americanas (que chamou de *Protestantismo sem Reforma*) pareciam como organizações humanas de união ao invés de estrutura de unidade cristã. Sua dificuldade para alcançar um entendimento que compatibilizasse as Igrejas da Reforma e as denominações norte-americanas era que essas últimas não se baseiam em credos e sim na forma de organização. Qual o terreno comum entre as igrejas da Reforma e as denominações americanas? Para ele, o único terreno em que os cristãos poderiam se encontrar era a Bíblia.¹⁹² Essa

¹⁹⁰ROBERTSON, *Dietrich Bonhoeffer: Introducción a su Pensamiento Teológico*. p. 38.

¹⁹¹Ibid. p. 40.

¹⁹²Ibid. p. 40.

compreensão muito enriqueceu e iluminou o conceito de igreja mantido por Bonhoeffer, que pode pensar mais claramente o conceito de liberdade na Igreja, em particular o problema da relação Igreja-Estado, como escreveria mais tarde:

“Uma igreja livre do estado não está mais protegida contra a secularização que uma igreja do estado. O mundo ameaça infringir nos assuntos da igreja tanto em nome da liberdade como em razão da associação. Não há forma de igreja que, como tal, esteja em princípio protegida da secularização.”¹⁹³

Application

Berlin-Grünwald, 12. II. 1930

TO THE DEAN OF STUDENTS,
Union Theological Seminary, New York.

I hereby apply for admission to Union Theological Seminary in September, 1930,
as a member of the Graduate class, and as a candidate for
the _____ degree. It is my intention to devote one year to preparation
for the Christian Ministry, or _____

Following are items of information in regard to myself to enable you to judge
of my qualifications for admission:

Name (in full) Dietrich Bonhoeffer

Place and date of birth Breslau/Silesia Month February Day 9 Year 1906

Home Address Berlin-Grünwald, Langenheimestr. 19

Summer Address _____

Name of Parent or nearest friend Professor Karl Bonhoeffer (father)

Address Berlin-Grünwald, Langenheimestr. 19

I am a member of protest. Church of Prussia

Name of Pastor _____

Address _____

I am a graduate of Liegnitz Berlin College University

Dates of attendance 1924-30 Year of graduation 1927 Degree Liegnitz

Seminary attendance, at _____ Seminary

Dates of attendance _____ Year of graduation _____ Degree _____

If ordained, give denomination, name of ordaining body, and exact date _____

I refer to the following persons as to my character and qualifications for admission:

Professor Rintolt Seeberg Address Berlin, Hallesche, Joachim-Friedl

Professor Adolf Beissmann Address " Wilhelmstrasse, Prinzregentenstr. 14.52

Professor Karl Lütke Address " Dahlheim, Harderstr. 17.

I am unmarried (marriage).
(Signed) Karl. Dietrich Bonhoeffer

(Use the other side of this sheet for details if the spaces above are insufficient)
* Erase one of these words to indicate the fact.

Figura 11

¹⁹³Ibid. p. 41.

Nesse período, 1930-1931, Bonhoeffer teve contato com estudantes de várias partes do mundo. Quatro deles se tornaram seus amigos e influenciaram grandemente sua vida. Erwin Sutz, um suíço que juntamente com ele interpretava para os companheiros de seminário a Teologia Européia; Jean Lasserre, francês que o desafiou a um novo e profundo encontro com o Sermão do Monte, especialmente a se ater aos apelos de paz de Jesus, o que o teria tornado mais fervoroso em sua piedade e mais pacifista. Para Lasserre, a Igreja deveria lutar apenas por paz.¹⁹⁴ Os outros dois amigos eram americanos. Paul Lehmann, colega que tinha seu quarto no Union sempre aberto aos amigos, era envolvido nas questões de uma igreja voltada aos direitos civis e à causa da justiça econômica.¹⁹⁵ O outro, Frank Fisher, um estudante negro do Alabama, participava da Igreja Batista de *Abyssinian*, no Harlem. Fisher levou Bonhoeffer para sua igreja que, na primavera de 1931, lá atuou como professor da Escola Bíblica Dominical.¹⁹⁶

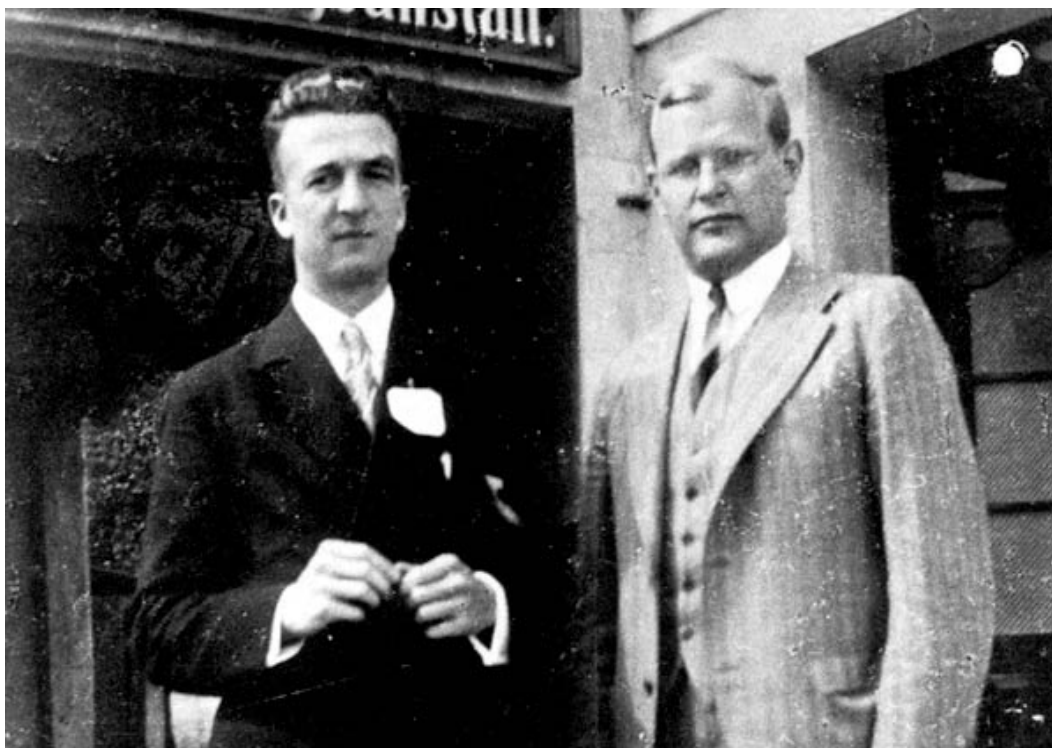


Figura 12: Dietrich e Jean Lassere

http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://handschriften.staatsbibliothek-berlin.de/bonhoeffer/html/picture_4.jpg&imgrefurl=http://handschriften.staatsbibliothek-berlin.de/bonhoeffer/html/seite_03

¹⁹⁴BETHGE, *Dietrich Bonhoeffer: A Biography*. p. 202-203.

¹⁹⁵Em abril de 1933, quando Paul Lehmann visitou Dietrich, pouco antes das palestras de cristologia, ficou impressionado com sua transformação. Ibid. p. 203-204.

¹⁹⁶GRUNCHY, ed., *The Cambridge Companion to Dietrich Bonhoeffer*. p. 29.

Bonhoeffer nesse período já possuía uma visão ecumênica da Igreja. Pode-se destacar, como fatores responsáveis por essa abertura religiosa, sua viagem a Roma no início do seu curso teológico, seu estágio pastoral em Barcelona e seu ano de pós-doutorado em Nova Iorque. Deve-se incluir aqui o trabalho regular que exerceu na Igreja Batista de Abyssinian, no Harlem,¹⁹⁷ sua viagem ao México, atraído pela cultura católica e pelas recordações do seu período pastoral na Espanha, e sua visita à escola Alemã em Havana (Cuba), onde a convite, proferiu o sermão de Natal.¹⁹⁸ Naquela prédica ressaltou sua estranheza em celebrar o Natal com festa, quando bem diante dos olhos de todos se via:

“uma multidão de desempregados, milhões de crianças sofrendo através do mundo, pessoas morrendo de fome na China, uma multidão de oprimidos na Índia e em outros países vivendo de forma infeliz [...] com isto em mente, quem entraria na terra prometida, inocente e íntegro?”¹⁹⁹

Como o fragmento acima demonstra, através de seus sermões Bonhoeffer procurava despertar a congregação para um compromisso maior com o próximo e o seu sofrimento. Para ele o cristão deveria viver realisticamente e assumir o seu papel de agente transformador da sociedade. Não se podia deixar o mundo e os que nele habitam a sua própria sorte. O amor a Deus devia ser demonstrado na comunidade através do serviço ao próximo.

Na volta para a Alemanha, Sutz tornou possível o encontro pessoal de Bonhoeffer com Karl Barth. Conheceram-se em Bonn, onde permaneceu por duas semanas e participou, como visitante, de um seminário de Barth.²⁰⁰

Bonhoeffer assumiu em agosto de 1931 seu posto de professor de teologia na Universidade de Berlim. Encontrou uma academia muito diferente e mudanças dramáticas na política, na sociedade e na economia, que demandavam uma

¹⁹⁷ Nessa igreja, segundo F. Burton Nelson, Dietrich encontrou um ambiente caloroso e espiritual diferentemente da Riverside Church. NELSON, F.B. *The life of Dietrich Bonhoeffer*, in *The Cambridge Companion to Dietrich Bonhoeffer*, ed. GRUCHY, J. W. D. (Cambridge: Cambridge University Press, 2005). p. 31.

¹⁹⁸ Bonhoeffer escolheu um texto incomum para o sermão de Natal: a história do último dia de Moisés, que estava destinado a morrer sem entrar na terra prometida (Dt 32,48-52). BETHGE, *Dietrich Bonhoeffer: A Biography*. p. 152.

¹⁹⁹ Ibid. p. 152.

²⁰⁰ Ibid. p.173-186.

responsabilidade ética ativa por parte da Igreja.²⁰¹ As aulas apresentadas no semestre de inverno de 1931-1932 foram publicadas em 1932 sob o título *Schöpfung und Fall* (Criação e Queda). Nessa série de conferencias que obtivera ampla difusão, Bonhoeffer interpretou teologicamente Gênesis 1 a 3, abordou o lado humano e o divino da Igreja e rejeitou a separação da igreja em duas naturezas: espiritual e mundana.²⁰² As duas naturezas do corpo eclesiástico não podiam ser tratadas como se fossem distintas uma da outra, até que viessem a se juntar em Cristo. Afirmava que os dois lados caminham juntos e sua natureza se manifesta na dualidade. Igreja significa “*presença de Deus no mundo*”, ou seja, o contrário da idéia de santuário sagrado. Por um chamado divino, o mundo é convidado a ser Reino de Deus. Portanto, só pode haver uma Igreja.²⁰³ Bonhoeffer criticou impiedosamente o conceito institucional de igreja, ao mesmo tempo em que admoestava a amar a igreja visível – Igreja Evangélica da União Prussiana.

Em Berlim Bonhoeffer assumiu duas tarefas distintas. Na primeira, de dedicação pastoral, como capelão da Escola Politécnica,²⁰⁴ era o responsável pela catequese e pelos grupos de confirmação, para os quais exercia uma ação evangelizadora.²⁰⁵ Na segunda, de docência em teologia, no curso de Cristologia enfocou os três dados básicos da reflexão cristã: Cristo, Igreja e Mundo; no curso “*A Natureza da Igreja*” apresentou o seminário “*Há uma Ética Cristã?*”

Sua ordenação pastoral se deu em 15 novembro de 1931, na Igreja de São Matias, em Berlim.²⁰⁶ Imediatamente iniciou uma classe preparatória para a confirmação, com duração de quatro meses. Participou ainda de vários encontros ecumênicos. Ainda naquele ano foi indicado como Secretário da Juventude para a Aliança Mundial para Promoção da Amizade Internacional através das igrejas, e em 1934 se tornou membro do Conselho Universal Cristão para a vida e o

²⁰¹WAYNE WHITSON FLOYD, J. *Bonhoeffer's literacy legacy*, in *The Cambridge Companion to Dietrich Bonhoeffer*, ed. GRUNCHY, J.W.D. (Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2005). p. 77.

²⁰²ROBERTSON, E.H. *Dietrich Bonhoeffer*, ed. THEOLOGY, M.O.C. 2a. ed. (London: Lutterworth Press, 1968). p. 21-24.

²⁰³GRUNCHY, ed., *The Cambridge Companion to Dietrich Bonhoeffer*. p. 141.

²⁰⁴Ver figura 17 na página 178.

²⁰⁵Esta classe demandou muito trabalho e dedicação, pois os adolescentes não conheciam quase nada da fé cristã. Bonhoeffer então em cooperação com Franz Hildebrandt escreveu um novo catecismo onde expressava claramente a doutrina da igreja em seus três pontos: pregação, sacramentos e comunidade, isso em forma de perguntas e respostas. ROBERTSON, Dietrich Bonhoeffer. p. 19.

²⁰⁶BETHGE, *Dietrich Bonhoeffer: A Biography*. p. 221.

trabalho. O cargo de Secretário Internacional da Juventude era muito importante, pois o seu movimento viria, juntamente com outros, a constituir o Conselho Mundial de Igrejas.



Figura 13: Dietrich Bonhoeffer numa confirmação

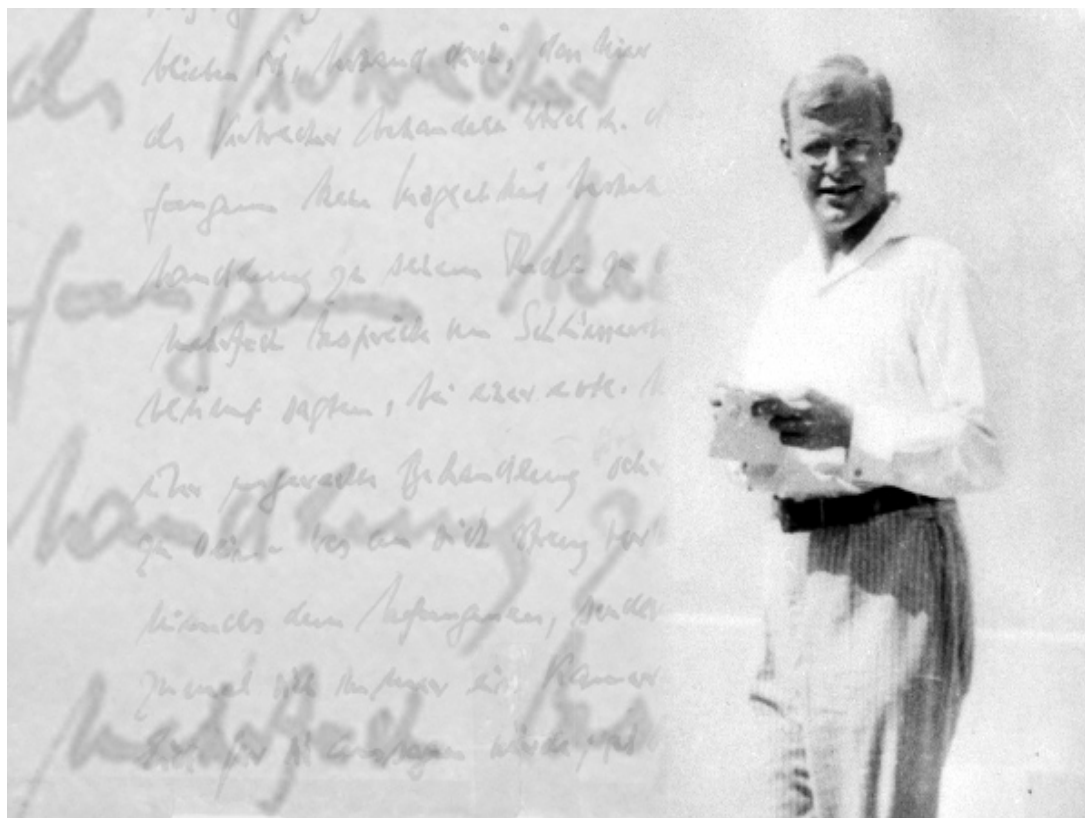


Figura 14: Dietrich Bonhoeffer, 1932

<http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/biography/Bonhoeffer.html>



Figura 15: Dietrich e sua turma de confirmação em 1932

http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://handschriften.staatsbibliothek-berlin.de/bonhoeffer/html/picture_4.jpg&imgrefurl

Em conferências através da Europa, Bonhoeffer representou vigorosamente a causa da Igreja Confessante, uma Igreja Confessional Reformada, separada do regime, organizada pelo pastor Martim Niemöler, Karl Barth e um grupo de fiéis que não consideravam legítima a postura de adesão e apoio da Igreja ao nazismo.²⁰⁷ Dietrich desafiou o movimento ecumênico a refletir sobre suas fundações teológicas e sua responsabilidade pela manutenção da paz. Numa conferência intitulada “*Venha o Teu Reino*”,²⁰⁸ Bonhoeffer deu um passo importante na valorização do mundo do ponto de vista cristão. Nela ressaltou que a oração do “Pai Nosso” não podia ser feita por utopistas nem por escapistas, mas pela comunidade que tem os pés firmemente plantados na terra e daí dirige seus olhares ao lugar da promessa e da salvação que vem da cruz de Cristo, fincada na terra.

“O jovem Bonhoeffer não era apenas um intelectual proeminente. Via como sua tarefa principal criticar a ideologia nazista, à qual se opôs publicamente e com veemência. Considerava essa ideologia uma proposta contra a religião e uma ameaça ao cristianismo. Num sermão em 19 de junho de 1932 na Igreja Memorial de Kaiser-Wilhelm, em Berlim, disse que se aproximava o momento quando o sangue dos mártires fluiria novamente em sua igreja, só que não tão brilhante e nem livre de culpa quanto ao das primeiras testemunhas. O sangue dos mártires do seu tempo seria um sangue manchado de culpa.”²⁰⁹

O ano de 1933 foi crítico para a Alemanha, e trouxe conseqüências para a Europa e o mundo. Hitler ocupa o posto de chanceler do Reich no dia 30 de janeiro de 1933, tendo como vice-chanceler Franz von Papen.²¹⁰ Com a ascensão de Hitler, os nazistas adotaram o ensino da supremacia da raça ariana, do anti-semitismo e a subordinação de todas as organizações sociais ao Estado. Com base numa interpretação literal de Romanos 13, muitos pastores e leigos viam Hitler como uma autoridade constituída por Deus e passaram a defender a aplicação do “*Parágrafo Ariano*”, segundo o qual somente arianos teriam o direito de ser membros de uma igreja e ser ordenados.

²⁰⁷BONHOEFFER, D. *Orando Com Os Salmos*, trans. WEINGAERTNER, M. (Curitiba: Encontro, 1995; reprint, MBK Verlag). p. 85.

²⁰⁸BETHGE, Dietrich *Bonhoeffer: A Biography*. p. 208-221.

²⁰⁹SLANE, C.J. *Bonhoeffer as Martyr: social responsibility and modern Christian commitment* (Grand Rapids, MI: Brazos Press, 2004). p. 66.

²¹⁰Nasceu em 29.10.1879, em Werl, Westfalen, Alemanha e morreu dia 02.05.1969, em Obersasbach, Alemanha. Foi absolvido no julgamento de Nuremberg em 1946.



Figura 16

www.nathanielturner.com/.../dbbiochro.jpg



Figura 17: As hierarquias católicas e protestantes num ato saúdam Hitler

www.atrio.org/wp-content/upload/Saludo.jpg



Figura 18: O cardeal Pacelli (Pio XII depois) assina a Concordata com a Alemanha nazista

www.atrio.org/wp-content/upload/Saludo.jpg

Bonhoeffer percebeu desde o início o perigo que Adolf Hitler representava para a Alemanha e para o mundo, mas a igreja evangélica oficial aderiu ao projeto do nacional-socialismo e chegou a aceitar somente a ordenação de pastores arianos. Um pequeno grupo do qual Bonhoeffer fazia parte decidiu não se acovardar, mas agir responsavelmente nos seus dias. Em 1º. de março de 1933 ele faz um pronunciamento no rádio sob o título “*O Princípio do Führer*”, no qual fala que do púlpito da Igreja apenas uma fé deve ser pregada – a fé em Deus. Em abril redige um artigo “*A Igreja e a Questão Judia*” e em agosto um panfleto “*A cláusula Ariana na Igreja*”.²¹¹

Bonhoeffer, adepto da resistência não-violenta, era contundente ao dirigir-se aos nazistas: “*Da simples confissão de que Deus é o Senhor, concluímos que nenhum governo pode autoproclamar-se como senhor sobre a vida inteira.*”[...] *antes importa obedecer a Deus do que aos homens*” (At 5:29).²¹² As raízes teológicas de sua oposição ao nacional-socialismo o fizeram líder na Igreja Confessante, juntamente com os dois teólogos e pastores citados. Constituída por

²¹¹BETHGE, Dietrich Bonhoeffer: *A Biography*. p. 1025.

²¹²SCHALKWIJK, F.L. *Confissão De Um Peregrino para entender a eleição e o livre-arbítrio* (Viçosa: Ultimato, 2002). p. 99.

muitos cristãos que não aderiram ao nazismo, tratava-se, segundo essa liderança, de uma Igreja de verdadeira fé e não de uma igreja política. Pode-se identificar esse período como o início da sua teologia política de resistência e ética de ação responsável:

“O que importa não é que Deus seja espectador e participante de nossas vidas hoje, importa que nós sejamos ouvintes devotos e participantes da ação de Deus na história sagrada, na história de Cristo na terra. E Deus está conosco também hoje apenas à medida que nós participamos nessa história”.²¹³

Bonhoeffer foi também um defensor dos judeus. Além da convicção teológica, sua simpatia para com a causa judaica era servida por uma relação afetiva, uma vez que sua irmã gêmea, Sabina, era casada com um descendente de judeus. Por isso, empenhou-se juntamente com Niemöller na “Liga da Emergência dos Pastores”.²¹⁴ De fato, foram seus esforços em ajudar a um grupo de judeus a escapar para a Suíça que o conduziram primeiramente à detenção e aprisionamento na primavera de 1943.²¹⁵

Suas aulas nos cursos de verão de 1933 em Berlim foram publicadas como “*Cristo o Centro*”, junto com o seminário sobre o filósofo Hegel.²¹⁶ Assim como em sala de aula, também em suas pregações destacava a importância de amar e cuidar do próximo. Numa delas proclamou que quem encontra seu irmão encontra Deus, mas quem não encontra seu irmão também não encontra Deus: em Jesus Cristo, Deus se torna irmão e mostra seu profundo amor para com a humanidade.²¹⁷ Deste modo, Bonhoeffer aprofundava sua visão integrada do ser humano e da vida cristã, de modo que, no período, a mística já aparecia totalmente vinculada à militância. Em sua percepção, o relacionamento do ser humano com Deus é uma nova vida na existência em favor dos outros, por meio da participação no ser de Jesus. “*Deus é transcendente no centro de nossa vida*”,²¹⁸ na realidade

²¹³BONHOEFFER, *Orando Com Os Salmos*. p. 2.

²¹⁴Liga formada para dar apoio aos pastores que são “meio” judeus e que perderam seus salários por causa da cláusula Ariana. Aprovaram a Declaração de Barmen assegurando a independência do Evangelho em relação à autoridade nazista. Apesar de suas limitações se converteram no mais atuante grupo antinazista no período de Hitler.

²¹⁵SLANE, *Bonhoeffer as Martyr: social responsibility and modern Christian commitment*. p. 105-115.

²¹⁶Georg Wilhelm Friedrich Hegel.

²¹⁷BETHGE, *Dietrich Bonhoeffer: A Biography*. p. 219 e 295.

²¹⁸BONHOEFFER, *Resistência e Submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. p. 373-374.

cotidiana, não apenas nas fraquezas, mas na força, não apenas na morte e na culpa, mas igualmente na vida e no bem das pessoas.²¹⁹

De acordo com Bethge a carreira acadêmica de Bonhoeffer encontrava-se em seu auge no verão de 1933, quando ele apresentou uma palestra de Cristologia com duas horas de duração para cerca de 200 alunos. Um dos alunos, o estudante Otto Dudzus recordou:

“Ele se parecia um estudante quando subiu à plataforma. Mas o que ele nos falou nos prendeu de tal modo que já não estávamos mais ali por causa daquele jovem, mas pelo que ele tinha a nos dizer – embora fosse uma manhã terrivelmente cedo. Nunca ouvi uma palestra que me tenha impressionado tanto como esta.”²²⁰

Ainda no ano 1933 Bonhoeffer assumiu o pastorado de duas paróquias de língua alemã em Londres: a Igreja Evangélica Alemã em Sydenham, e a Igreja Reformada de St. Paul em Londres, onde permaneceu até o ano de 1935. De Londres escreveu uma carta para Barth, que lhe respondeu: “*Você alemão pertence a sua casa e não a Londres*”. Nessa sua estada na Inglaterra, Bonhoeffer tornou-se amigo próximo e confidente do influente Bispo Anglicano George Bell, de Chichester. O envolvimento da liderança da igreja na política alemã crescia. Em maio 1934, em Barmen, Alemanha, foi “oficialmente” organizada a Igreja Confessante.²²¹

²¹⁹Ibid. 373.

²²⁰BETHGE, *Dietrich Bonhoeffer: A Biography*. p. 219.

²²¹Ibid. p. 325-417.



Figura 19: George Bell, Bispo de Chichester

http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://handschriften.staatsbibliothek-berlin.de/bonhoeffer/html/picture_4.jpg&imgrefurl

2.4

Finkenwalde e o custo do discipulado

Bonhoeffer retornou da Inglaterra na primavera de 1935 para assumir a liderança do seminário clandestino da Igreja Confessante. Em 26 de abril pregou na abertura do Seminário em Zingst, no mar Báltico, transferido em 24 de junho para Finkenwalde, na Pomerania. Com vinte e cinco seminaristas, Bonhoeffer “compartilhou suas posses materiais e intelectuais, seu tempo e seus sonhos.”²²² Aconselhava-os e os ouvia com tal atenção que conquistou a amizade e o respeito deles como ninguém conseguira antes. Recomendou aos jovens a leitura do “*Diário de um pároco de aldeia*”, de George Bernanos. Considerava essa leitura perturbadora e importante para a formação, pois lidava com os problemas mais íntimos da vida.²²³ Assim como Bernanos, Bonhoeffer se interessava por uma forma radical de cristianismo que o colocou em choque com muitos de seus

²²²BONHOEFFER, Orando Com Os Salmos. p. 85.

²²³BETHGE, Dietrich Bonhoeffer: A Biography. p.139-140.

contemporâneos. Deste período surgiram seus escritos polêmicos contra o afrouxamento da doutrina: “*Não podemos abrir mão (das confissões) de Barmen e Dahlem, porque não podemos abrir mão da Palavra de Deus*”.²²⁴ Devido aos seus ensinamentos tanto na igreja como na universidade, sua autorização para trabalhar como professor na Universidade de Berlim foi cassada em 5 de agosto de 1936.



Figura 20: Dietrich Bonhoeffer, 1935

www.ekkw.de/img_ekkw/aktuell/bonhoeffer_sitze...

²²⁴BONHOEFFER, *Orando Com Os Salmos*. p. 86.

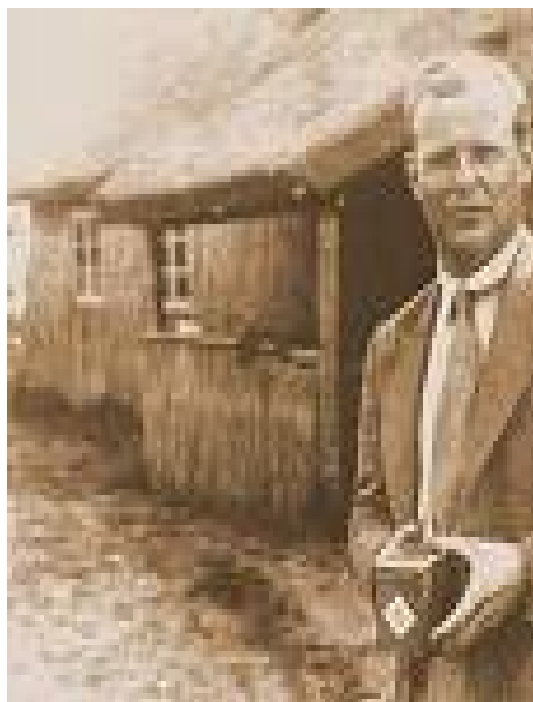


Figura 21

<http://www.ekir.de/esz/ibg/ibg-Biographie/ibg-biographie.html>



Figura 22: Seminário de Finkenwalde, março de 1936

http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://handschriften.staatsbibliothek-berlin.de/bonhoeffer/html/picture_4.jpg&imgrefurl=http://handschriften.staatsbibliothek-berlin.de/bonhoeffer/html/seite_03

De suas experiências em Finkenwalde surgiram também dois livros que o tornaram bem conhecido: *O Discipulado* (1937), no qual alertava sobre a “graça barata”, expressão que se tornou clássica na teologia cristã, e *Vida em Comunhão* (1938), onde embasava bíblicamente as experiências da vida no seminário. Surgiram também outros não menos importantes escritos pastorais nos quais se percebe os cuidados espirituais que ele tinha no seu trabalho como responsável pela preparação dos pastores da Igreja Confessante. Bonhoeffer provocou em muitos um renovado amor pela Bíblia. Após a publicação do livro *Orando com os Salmos*, o seminário foi fechado pela Gestapo, mas esse trabalho de treinamento da liderança continuou até 1939, embora o seminário estivesse fechado desde 1937.²²⁵

A carreira de Bonhoeffer, em especial no período de 1935 a 1945, foi marcada pela contínua militância contra os poderes políticos, por um sistemático cuidado quanto ao conforto pastoral de seus seminaristas, através das cartas-circulares e por uma dedicação ao estudo bíblico e à oração.²²⁶ O imponente estilo acadêmico desenvolvido no seu período de docência em Berlim decresceu significativamente em Finkenwalde.²²⁷ Ali destacou-se uma teologia fortemente cristocêntrica. Bonhoeffer desejava que o discipulado se concentrasse em Cristo e o fizesse de maneira a mostrar-se eticamente frutífero para a época.²²⁸

No seu livro *Nachfolge* - O Custo do Discipulado ou O preço do ser Discípulo (1937), editado tanto em inglês como em português como *Discipulado*,²²⁹ Bonhoeffer expôs princípios morais e espirituais para os cristãos, enfatizando a disciplina dos crentes. Ele mesmo poderia constituir um exemplo claro do que escrevia, pois levava uma vida de disciplina e dedicação. Fez uma exposição sobre “a graça barata”, a graça sem custo, que considera o inimigo da Igreja: é a graça sem cruz, a pregação sem arrependimento, o batismo sem disciplina. Essa

²²⁵BETHGE, Dietrich Bonhoeffer: A Biography. p. 577-586.

²²⁶Ibid. p. 587-596.

²²⁷Foi um dos cinco novos “seminários de pregadores” criados como alternativa à ordem social prevalecente. Os seminários foram entidades políticas combatendo a corrente do nazismo que devastava a igreja alemã. O objetivo desses seminários não era o claustro, mas uma intensa concentração para responder a qualquer desafio presente ou futuro, pregando a palavra de Deus na direção do compromisso e discernimento de espírito nas lutas enfrentadas pela igreja.

²²⁸SLANE, Bonhoeffer, o mártir: responsabilidade social e compromisso cristão moderno. p. 276.

²²⁹BONHOEFFER, *Discipulado*.

graça barata mata os seguidores de Cristo. Para ele a igreja-instituição é a madrinha da “*graça barata*”.²³⁰

O contrário da “*graça barata*” é a graça que custa. Trata-se de *graça* porque dá ao homem a verdadeira vida e justifica o pecador, é cara porque custou a vida do Filho de Deus. Se custou caro a Deus não pode ser barato para o homem, que desobedece a Deus porque Nele não acredita – se acreditasse não o desobedeceria. Bonhoeffer expõe e desenvolve a idéia de que é apenas e tão somente no chamado ao discipulado por parte de Jesus Cristo e na resposta a esse chamado por parte de seus seguidores que se pode encontrar o pleno conteúdo da graça que se manifestou trazendo salvação a todos os homens (cf. Tito 2.11-15).

Quando desconsidera o mistério representado pela possibilidade de Deus chamar homens e mulheres ao discipulado e de esses responderem de forma positiva a esse chamado, toda a argumentação em torno da graça fica barateada. Perde seu foco, sentido e finalidade. Quer dizer, graça sem vinculação com o discipulado é “*graça barata*”. Essa possibilidade de baratear a graça é real, na medida em que o cristão e a igreja aceitam e admitem o que pode ser entendido como a institucionalização da fé, interpondo entre Jesus Cristo e seus discípulos as demandas da virtude, da razão utilitária e da consciência religiosa que tenta um desconto no preço a pagar à exclusividade da chamada.²³¹

Exclusividade é também uma palavra chave na teologia de Bonhoeffer. O discípulo de Jesus Cristo não o segue por que queira seguir, mas por que foi chamado. Não o segue por que Jesus representa a melhor proposta para a humanidade, mas por que é o Cristo. Não o segue por mero exercício da liberdade pessoal de escolher, mas porque foi escolhido por Jesus Cristo e tocado por sua graça. No chamado ao discipulado, Jesus Cristo torna exclusiva sua relação com o discípulo e espera que o discípulo aja da mesma forma. Pela livre aceitação ao chamado ao discipulado é que o discípulo recebe a capacidade de recepção e vivência da graça. Bonhoeffer vincula de modo indissolúvel a fé como compreensão da doutrina à fé como prática legitimamente cristã. No discipulado, o Sermão do Monte deixa de ser a utopia que aparenta ser e passa a ser o próprio estilo de vida do cristão. Se, para este, as demandas que o Sermão do Monte

²³⁰Ibid. p. 9-12.

²³¹Ibid. p. 20-36.

apresenta parecem inatingíveis pelo humano, sua disposição de acatar e sua possibilidade de cumprir essas demandas estarão ligadas à sua disposição de seguir com Jesus a trilha do sofrimento e de, finalmente, cravar esse sofrimento na cruz.²³²

Bonhoeffer trabalha dialeticamente os extremos da abrangência da graça para demonstrar que esta graça tem sua própria lei e que, bem compreendida, a lei se livra de seus acessórios humanos para se tornar meio e forma de manifestação da graça. A graça se torna barata quando se desvincula da lei. A lei se torna estéril quando se desvincula da graça. Em uma das mais profundas passagens de seu livro, Bonhoeffer acentua que fé e obediência são inseparáveis e que uma sem a outra se mantém ineficaz. Para ele, só se torna apto a crer na graça do chamado ao discipulado aquele que, *a priori*, já se encontra na perspectiva da obediência a Deus, fruto de livre e amorosa adesão pessoal. De igual modo, só se torna apto a obedecer a este chamado e a viver de modo compatível aquele que está disposto a crer em Jesus Cristo – a partir de seu chamado ao discipulado – como o único que pode tornar essa obediência em fé, ou seja, em vivência da graça de obedecer. Assim, Cristo continua a viver na vida dos discípulos, dos que vivem em obediência a Jesus. A obediência produz frutos na vida do cristão e da sociedade.²³³

O ano de 1937 foi crucial para o Seminário, tanto para os estudantes e professores como para os membros da Igreja Confessante. Embora Bonhoeffer fosse adepto da não violência, percebia, então, que não poderia esquivar-se de sua responsabilidade como cidadão alemão e da posição na qual Deus o colocara pelo nascimento e pela capacitação. Situações semelhantes levaram alguns a aderirem à resistência armada.²³⁴ Muitas reuniões clandestinas foram realizadas para considerar um ataque aberto ao regime nazista. Naquele ano, vinte e sete pessoas foram encarceradas, no dia 11 de janeiro de 1938, outros professores foram presos.

Tornara-se evidente que era impossível para os membros da Igreja Confessante participar das reuniões internacionais, uma vez que os passaportes

²³²Ibid. p. 20-36.

²³³Ibid. p. 37-48.

²³⁴CAVALCANTI, *Cristianismo e Política; Teoria Bíblica e Prática Histórica*. p. 168.

havia sido confiscados. A guerra era iminente e Bonhoeffer corria perigo.²³⁵ Pensava que deveria viver cada dia como se fosse o seu último, mas manteve integrada sua fé e responsabilidade no curso dos acontecimentos, como se ainda tivesse um grande futuro pela frente. Deixou clara a premissa de uma vivência integrada entre mística e militância.²³⁶

2.5

A ética de uma ação responsável

Em setembro de 1938, Bonhoeffer passou quatro semanas de férias na cidade de Göttingen, na casa de sua irmã gêmea, Sabine Leibholz. De lá escreveu *Vida em Comunhão*.²³⁷ O livro é um reflexo do que ele viveu com seus alunos de teologia no Seminário de Finkenwalde durante os anos de 1935 a 1937, quando a Gestapo fechou o seminário e acabou com essa experiência de “*vida em comunhão*”.²³⁸ Com o controle e a perseguição por parte do regime nazista, tornou-se cada vez mais difícil para o grupo se reunir em culto, era um tempo de solidão. Nesta obra, Bonhoeffer trabalha o valor da comunhão cristã, da vida em comunidade e do compartilhar de vida entre o povo de Deus, semente do Reino no mundo todo, e Jesus Cristo, laço unificador de todos os cristãos até o dia final. Sobre a comunhão ele escreve no primeiro capítulo:

“não é óbvio que a pessoa cristã viva entre os cristãos. Jesus Cristo viveu em meio a seus adversários. [...] Assim também o lugar do cristão não é na reclusão monacal, mas em meio aos inimigos. Ali está sua missão e tarefa”²³⁹ [...] Uma vida em comunhão puramente espiritual não é apenas perigosa, mas também um fenômeno anormal;²⁴⁰ e finaliza dizendo que é graça de Deus os cristãos poderem se reunir neste mundo em torno da Palavra de Deus e dos sacramentos. Na participação correta na Ceia a comunidade é presenteada com nova comunhão com Deus e com as pessoas. A comunhão cristã visível é dádiva de Deus.”²⁴¹

²³⁵BETHGE, Dietrich Bonhoeffer: A Biography. p. 561-620.

²³⁶BONHOEFFER, Resistência e Submissão: cartas e anotações escritas na prisão. p. 41.

²³⁷BETHGE, Dietrich Bonhoeffer: A Biography. p. 1026.

²³⁸BONHOEFFER, D. *Vida em comunhão*, trans. KAYSER, I., 3. ed. rev. ed. (São Leopoldo: Sinodal, 2001). p. 5.

²³⁹Ibid. p. 9.

²⁴⁰Ibid. p. 26.

²⁴¹Ibid. p. 95.



Figura 23: Bonhoeffer com os pastores da Igreja Confessante em 1939, Bonhoeffer é o segundo da esquerda para a direita e Eberhard Bethge é o quarto da direita para a esquerda.



Figura 24: Eberhard Bethge esquerda e Dietrich Bonhoeffer na praia

A participação ativa de Bonhoeffer contra o nazismo, começada em fevereiro 1938, culminou com o seu envolvimento com o círculo da resistência de Abwehr onde atuou de agosto de 1939 a abril de 1943 quando foi preso. Sua participação como agente civil naquela agência faz de seu trabalho e vida, uma fonte original para compreender a interação que deve existir entre mística e militância. Naquele ano, Sabine, sua irmã gêmea, foi obrigada a emigrar para a

Inglaterra, juntamente com as duas filhas e o marido, o advogado do Estado Gerhard Leibholz, de origem não ariana.²⁴²

Os amigos Reinhold Niebuhr, seu ex-professor²⁴³ e Paul Lehmann, convidaram Bonhoeffer para ministrar um curso de verão no Union Seminary e pastorear um grupo de refugiados alemães em Nova Iorque. Diante da perspectiva iminente de entrar para o exército de Hitler, seus amigos o persuadiram a ir para a América do Norte. A decisão de Bonhoeffer de aceitar o convite desagradou a Barth mais do que quando ele foi para Londres. Embora Barth já estivesse fora da Alemanha, em Basileia, cidade suíça.²⁴⁴

Bonhoeffer partiu para os EUA em 2 de junho de 1939, porém não estava em paz consigo mesmo.²⁴⁵ Sentia-se angustiado pela decisão e, no dia 15 de junho, escreveu em seu diário:

“Desde a noite de ontem não consigo parar de pensar na Alemanha. Não imaginava que, na minha idade, depois de tantos anos no exterior, seria possível alguém sentir tanta saudade de casa. Nesta manhã, o que deveria ter sido uma maravilhosa viagem de carro para visitar uma conhecida no interior [...] tornou-se uma experiência quase insuportável. Sentamos por uma hora, conversamos, e nossa conversa não foi sobre coisas fúteis, mas sobre coisas que me deixaram completamente frio – a possibilidade de se ter uma boa educação musical em Nova Iorque, a educação de filhos, etc [...] todo o fardo da auto-reprovação por causa de uma decisão errada volta outra vez e quase me derruba.”²⁴⁶

Niebuhr e Paul Lehmann tentaram convencê-lo a permanecer nos Estados Unidos. Porém, no dia 20 de junho, já tinha se decidido a retornar para a Alemanha:

“A decisão já fora tomada. Eu recusei. Eles estavam claramente desapontados, bastante tristes. Provavelmente, isso significa mais para mim do que posso ver neste momento. Somente Deus sabe o quê [...] Quanta ansiedade existe na decisão de hoje, por mais corajosa que ela possa parecer! As razões que alguém dá aos outros e para si mesmo sobre uma ação são certamente inadequadas. Pode-se dar uma razão para qualquer coisa. No mais

²⁴²BONHOEFFER e WEDEMEYER, *Cartas de amor desde la prisión*. p. 261.

²⁴³Niebuhr foi um dos professores que desafiou Bonhoeffer a pensar profundamente acerca do envolvimento da Igreja nas dores e sofrimentos da sociedade. Permaneceu amigo de Bonhoeffer e o acompanhou de perto através de correspondência. Foi por convite dele que Dietrich retornou aos Estados Unidos no ano de 1939. NELSON, *The life of Dietrich Bonhoeffer*. p. 28.

²⁴⁴BETHGE, *Dietrich Bonhoeffer: A Biography*. p. 650-655.

²⁴⁵ROBERTSON, *Dietrich Bonhoeffer: Introducción a su Pensamiento Teológico*. p. 9.

²⁴⁶SLANE, *Bonhoeffer, o mártir: responsabilidade social e compromisso cristão moderno*. p. 31-32.

profundo da alma, alguém age a partir de um nível que permanece oculto para nós. Desse modo, só se pode pedir que Deus nos julgue e nos perdoe.”²⁴⁷



Figura 25: Dietrich no deck do navio na viagem para Nova Iorque 1939

http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://handschriften.staatsbibliothek-berlin.de/bonhoeffer/html/picture_4.jpg&imgrefurl

Nas anotações do dia 26 de junho constam referências a dois textos que, conforme os relatos, o incomodaram muito nesse período: “*Procure vir antes do inverno*” (2Tm 4:21) e “*...aquele que crer não foge*” (Is 28:16). A vida de Bonhoeffer é caracterizada por marcos decisivos como este. Em meio ao perigo e ameaça de morte, já que a deflagração da guerra era iminente, e diante dos perigos para ele mesmo, Bonhoeffer retornou para Berlim no dia 27 de julho. Estava convencido de que uma vitória do nazismo destruiria a civilização cristã. Deixou uma carta para Niebuhr dizendo: “*Eu não tenho o direito de participar da reconstrução do meu país se não participar da sorte do meu povo. Eu não posso fazer essa escolha em segurança*”.²⁴⁸

²⁴⁷Ibid. p. 32.

²⁴⁸BONHOEFFER, *Resistência e Submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. p. 235, nota 51.

Seu pensamento sobre a ética o convencia da necessidade de se envolver cada vez mais. Já na Alemanha, recomeçou seu esforço contra o regime nazista: não somente protestou contra a exclusão dos judeus dos escritórios da Igreja, como também arriscou a vida na condução clandestina de companheiros e cidadãos de origem judaica até o cruzamento da fronteira alemã com outro país. Os atos políticos de “*estar para os outros*” foram considerados por Bonhoeffer como um movimento em direção a Cristo.²⁴⁹ A sua vida é uma das mais excitantes histórias de resistência ao nazismo do período da guerra.

Em 4 de setembro de 1940 Bonhoeffer foi proibido de falar em público e obrigado a informar regularmente à polícia os seus deslocamentos dentro da Alemanha. O jeito que encontrou de continuar seu trabalho foi através de seus livros.²⁵⁰ Assim, passou os meses de setembro e outubro na casa de Ruth von Kleist-Retzow, em Klein-Krössin, dedicando-se estruturar e a escrever a disposição geral da sua Ética.²⁵¹ Em 30 de outubro foi designado para o escritório da Abwehr em Munique.

De novembro de 1940 a fevereiro de 1941²⁵² Bonhoeffer se hospedou no Convento Beneditino de Ettal,²⁵³ onde escreveu os primeiros capítulos do livro que para ele seria a obra de sua vida. A ética é a motivação por trás de sua cristologia, pois, segundo ele, o ponto de partida da ética cristã é a estruturação da Igreja pela pessoa de Cristo, em quem Deus se revela ao homem e faz notória a sua vontade: “*o SER divino se revela ao SER humano nas circunstâncias históricas em que este se encontra.*”²⁵⁴

O centro da revelação de Deus é a cruz. Ela é a evidência do senhorio de Jesus Cristo sobre o mundo. Por ela Deus julga o mundo e a História. No exato momento quando Cristo morreu na cruz, o mundo morreu com ele, mas a cruz veio seguida da ressurreição. Somos justificados pela morte e ressurreição de Cristo. O lugar de Cristo no mundo, no período entre a ascensão de Cristo e a

²⁴⁹SLANE, *Bonhoeffer, o mártir: responsabilidade social e compromisso cristão moderno*. p. 169.

²⁵⁰BETHGE, *Dietrich Bonhoeffer: A Biography*. p. 1026.

²⁵¹A Ética foi publicada em 1949, como fragmento. VELASQUES_FILHO, P. *Uma Ética Para os Nossos Dias. Origem e evolução do pensamento ético de DIETRICH BONHOEFFER* (São Bernardo do Campo - SP: EDITEO, 1977). p. 94 BONHOEFFER, Orando Com Os Salmos.p. 89.

²⁵²E. Berthge por ocasião do Natal de 1940 o visitou no convento de Ettal, cfe. BONHOEFFER, *Resistência e Submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. p. 235, nota 47.

²⁵³BETHGE, *Dietrich Bonhoeffer: A Biography*. p. 718-719.

²⁵⁴VELASQUES_FILHO, *Uma Ética Para os Nossos Dias. Origem e evolução do pensamento ético de DIETRICH BONHOEFFER*. p. 23.

parusia, é assumido pela Igreja. A revelação de Deus se dá *na* e *pela* Igreja. Nela Deus se revela ao mundo. Deus se faz presente no mundo em forma de comunidade. Quer dizer, pertencer à comunidade de fé é pertencer a Cristo. A Igreja enquanto continuação da existência histórica de Cristo, como prolongamento da encarnação e da ação de Cristo no mundo, é uma pessoa e não uma instituição. No capítulo História e Deus 1, da Ética, Bonhoeffer escreveu:

“O sermão da Montanha apresenta o evento da reconciliação do mundo com Deus, em Jesus Cristo, a àqueles chamados a agir dentro da história, dessa forma, colocando-os diante da verdadeira responsabilidade cristã. Esta verdadeira responsabilidade cristã engloba todas as atividades dentro do mundo.”²⁵⁵ A ação ética deve ser concreta e histórica. E a ação ética do cristão pode ser descrita como o amor.²⁵⁶

Bonhoeffer produziu todo um raciocínio articulado para a questão da responsabilidade cristã no mundo. Pensava que uma vida imersa no mundo era configurada por Cristo. Uma espiritualização desencarnada, afastada do mundo, nega a revelação de Deus em Jesus Cristo. Os seguidores de Cristo não devem simplesmente possuir uma estratégia social, mas por meio de Cristo e com Cristo serem agentes de transformação social, não se deixando dominar pelo “*status quo*”, antes lhe resistindo e sendo submissos a Deus.

Bonhoeffer trabalha também em sua ética a questão do “penúltimo–último”: o “penúltimo”, o tempo histórico, é a preparação de Deus para o “último”, a “justificação” final, quando então a realidade atual será transformada e levada à perfeição e à plenitude. Teologicamente falando, o sentido pleno do *consequente* depende da vivência plena do *antecedente*. O tempo histórico, portanto, é intrínseco ao Evangelho, e não estranho a ele, como pensam alguns cristãos. Para ouvir a derradeira palavra de Deus, os seus servos do passado tiveram que trilhar o seu tempo histórico, passar pela culpa para chegar à cruz. Todos caíram na condenação final, para, por fim, receberem a justificação em Cristo, pela graça de Deus. O caminho deve ser trilhado até o momento derradeiro, quando Deus lhe puser fim.²⁵⁷

²⁵⁵TÖDT, I. et al., eds., *Dietrich Bonhoeffer Works*, Volume 6 - Ethics, 16 vols., vol. 6 (Minneapolis: Fortress Press, 2005; reprint.), p. 239.

²⁵⁶ROBERTSON, *Dietrich Bonhoeffer: Introducción a su Pensamiento Teológico*. p. 65.

²⁵⁷BONHOEFFER, *Resistência e Submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. p. 40-42.

O tempo histórico precisa, então, ser preservado, como preparação para o tempo de Deus. Necessária, da mesma forma, e de grande responsabilidade ética, é a preparação para a vinda de Cristo, que não pode ser impedida nem antecipada.

“O faminto precisa de pão, o desabrigado de moradia, o injustiçado de direito, o solitário de comunhão, o indisciplinado de ordem, e o escravo de liberdade. Deixar o faminto com sua fome, alegando que na miséria o irmão estaria mais perto de Deus, seria blasfemar a Deus e ao próximo. Por causa do amor de Cristo, que tanto vale para o faminto como para mim, repartimos o pão com ele, compartilhamos o teto. Se o faminto não chegar à fé, a culpa recai sobre aqueles que lhe negaram o pão. Providenciar pão para o faminto é preparação para a vinda da graça.” 258 [...] “A vida cristã é o início do derradeiro em mim, a vida de Jesus Cristo em mim. Mas sempre é também vida no campo do penúltimo à espera do derradeiro” 259

A partir de 27 de março de 1941 Bonhoeffer foi também proibido de imprimir ou publicar seus escritos.

Oficialmente, Bonhoeffer trabalhava como ligação civil do serviço de contra-espionagem, a Abwehr. No entanto, na mesma agência, como membro da resistência, prestava apoio a seu cunhado Hans von Dohnanyi, que em conivência com seu chefe direto, o coronel Oster, acabara de criar uma frente de oposição a Hitler.²⁶⁰ Sua participação na resistência cresceu ao ponto de adquirir um passaporte do Corpo de Inteligência do Exército.²⁶¹ Para quem estava proibido de falar publicamente, publicar ou pregar em seu país, esse passaporte oficial lhe dava o direito de viajar e desse modo disseminar as idéias da Igreja Confessante nos países vizinhos e impulsionar a conspiração.²⁶²

Os escritos e a vida de Bonhoeffer desse período realçam seu compromisso com a Igreja enquanto comunidade, e sua co-responsabilidade pela formação histórica do povo e das gerações futuras. Bonhoeffer reconhece que o temor de Deus é o princípio da sabedoria que capacita a pessoa a uma vida responsável diante de Deus, uma relação mais fecunda com as outras pessoas, e em especial com os fracos.²⁶³ Através do envolvimento com o próximo, suas

²⁵⁸BONHOEFFER, *Ética*. p. 71-83.

²⁵⁹Ibid. p. 82.

²⁶⁰BONHOEFFER e WEDEMEYER, *Cartas de amor desde la prisión*. p. 9.

²⁶¹A agência de contra-inteligência das forças armadas da Alemanha, no período nazista, era dirigida pelo almirante Wilhem Canaris e foi um dos epicentros de atividades de resistência contra o governo nazista.

²⁶²BONHOEFFER e WEDEMEYER, *Cartas de amor desde la prisión*. p. 9.

²⁶³BONHOEFFER, *Resistência e Submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. p. 34-35.

dores e sofrimentos, é que os seres humanos se configuram com Cristo, pois Deus não é um destino atemporal, Ele espera e atende as orações sinceras feitas pelos fiéis que estão envolvidos em ações responsáveis.²⁶⁴

2.6

Resistência e Submissão ou Oração e Ação

O período entre os anos de 1941 e 1942 foi de intensa atividade para Bonhoeffer, que viajou em missões secretas, e, em Genebra, participou de discussão constante com os líderes das igrejas de todo o mundo. Embora sua preocupação essencial fosse teológica, sua atuação era claramente política. Como dizia, “*a fé exige uma elasticidade de comportamento, devemos confrontar o destino tão resolutamente quanto nos submetemos a ele no momento certo. [...] a fé exige essa ação viva.*”²⁶⁵ Seu cotidiano era caracterizado por uma disciplina pessoal de profunda interação entre ação e oração (que o fortalecia para a atividade política). O ponto alto de sua atividade durante estes anos foi seu encontro com o Bispo de Chichester, em 1942, na Suécia.²⁶⁶ Bonhoeffer levou consigo propostas oficiais para um tratado de paz com a Inglaterra. Nele se dava garantia de que Hitler seria preso e se estabeleceria um governo democrático.

O Bispo de Chichester apresentou os termos ao governo inglês, mas como não foram dadas as garantias exigidas, a guerra continuou. Depois dessa negativa houve um enfraquecimento tanto da resistência como do prestígio de Bonhoeffer no ambiente da Igreja e da resistência. A estratégia foi, então, substituída por um plano para assassinar Hitler – nos últimos anos do regime nazista, alguns²⁶⁷ aderiram à resistência armada e participaram do golpe para tirar a vida do Führer.²⁶⁸ Bonhoeffer viu cada vez mais que era seu dever, como cristão, se opor ativamente ao regime. Estava convencido de que só a morte de Hitler poderia por

²⁶⁴Ibid. p. 37.

²⁶⁵BONHOEFFER, *Discipulado*. p. 307.

²⁶⁶BRACHER, K.D. *La dictadura alemana, II: Génesis, estructura y consecuencias del nacionalsocialismo*, trans. GARMENDIA, J. A., vol. 2 (Madrid: Alianza Editorial, 1973). p. 212.

²⁶⁷Liderados pelo Almirante Wilhelm Canaris, juntamente com o General Hans Oster chefe do grupo, Karl Sack, Ludwig Gehre, Theodor Strunck, Frederic von Rabenau, Karl Bonhoeffer entre outros. NELSON, *The life of Dietrich Bonhoeffer*. p. 44.

²⁶⁸CAVALCANTI, *Cristianismo e Política; Teoria Bíblica e Prática Histórica*. p. 168.

fim a essa situação. Desta forma, se tornou cada vez mais envolvido com os grupos dedicados a derrubar o governo.

Certa vez Bonhoeffer confidenciou a um aluno seu que acreditava que “não passaria dos trinta e sete anos”, mas foi precisamente com essa idade que ao regressar de uma viagem da Suécia, em junho de 1942, conheceu Maria von Wedemeyer, a mulher de sua vida. Contudo, Ruth von Wedemeyer, a mãe de Maria, que acabara de perder o marido na guerra, e preocupada com a sorte de sua filha, que era bem mais jovem do que Dietrich, dela exigiu um ano de reflexão antes que aceitasse o compromisso formal.²⁶⁹

Quando se conheceram, Maria estava na casa de sua avó, Ruth von Kleist-Retzow, partidária das idéias de Karl Barth, vinculada à Igreja Confessante e uma das colaboradoras e mantenedora do Seminário de Finkenwalde. A casa de Ruth fora convertida em centro de encontro e contato com os jovens teólogos, lugar onde se falava interminavelmente sobre a política eclesial, que requeria continuamente novas decisões. Foi lá que Dietrich escreveu *Discipulado*. Por seu conselho Ruth, começou a estudar o Grego para ler o Novo Testamento na língua original e passou a meditar cada manhã nos mesmos textos bíblicos que os seminaristas de Finkenwalde. Ela tinha uma profunda relação de amizade e ao mesmo tempo respeito para com Dietrich e se encheu de alegria quando soube que ele pedira em noivado sua neta, embora lhe assaltasse a dúvida se Maria estaria a altura do pastor e teólogo que ela tanto admirava.²⁷⁰

Como presente de Natal de 1942 para Eberhard Bethge, Hans von Dohnanyi e Hans Oster, Bonhoeffer escreveu uma “Prestação de contas na virada do ano de 1943”.²⁷¹ Nesta obra faz um balanço dos dez últimos anos de sua vida, período por ele considerado como um tempo precioso, bem vivido, repleto de experiências e aprendizagem. Esquecer determinados acontecimentos, diz ele, é graça, mas a memória, a repetição de ensinamentos recebidos, faz parte de uma vida responsável.²⁷² O que ele fez, foi prestar contas dessas experiências impostas e conhecimentos comuns desse tempo que fora como um grande baile de máscaras

²⁶⁹BONHOEFFER e WEDEMEYER, *Cartas de amor desde la prisión*. p. 248.

²⁷⁰Ibid. p. 252-257.

²⁷¹BONHOEFFER, *Resistência e Submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. p. 27-43.

²⁷²Ibid.p.27.

do mal, que confundiu todos os conceitos éticos: no nazismo o mal tomou a forma de luz, de ação beneficente e de justiça social.²⁷³

Ainda nessa obra, Bonhoeffer faz uma classificação dos tipos de pessoas. “Os *sensatos*” são os inconsistentes, sem uma percepção da realidade. Pensam que podem endireitar o mundo com um pouco de juízo. “O *fanático ético*” pensa que pode enfrentar o poder do mal com a pureza de um princípio. A pessoa de “*consciência moral*” engana a sua própria consciência a fim de não se desesperar. O “*homem do dever*” acha que a responsabilidade está com quem dá a ordem e não com quem executa, e assim cumpre seu dever até para o Diabo. Esquecem-se da responsabilidade própria, única que pode atingir o mal na sua profundidade e vencê-lo. O indivíduo caracterizado como o “*da liberdade própria*” valoriza a ação necessária mais do que a pureza da própria consciência e do que seu nome. Esse deve ter cuidado para que sua liberdade não o derrube. Finalmente, o “*da virtuosidade*” particular fecha os olhos e a boca à injustiça ao seu redor. Destrói-se pela inquietação de não ter agido responsabilmente ou tornando-se mais hipócrita.²⁷⁴ Assim, Bonhoeffer se pergunta e responde:

“Quem aguentará firme? Somente quem não tiver como critério último sua própria razão, seu princípio, sua consciência moral, sua liberdade, sua virtude, mas quem estiver disposto a sacrificar tudo isso quando, na fé e baseado apenas em Deus, for chamado à ação obediente e responsável, a pessoa responsável, cuja vida nada pretende ser do que resposta à pergunta e ao chamado de Deus. Onde estão essas pessoas responsáveis?”²⁷⁵

Segundo Bonhoeffer, não foi a falta de coragem que levou os alemães a não manifestarem a própria opinião. Pelo contrário, ao longo da história eles aprenderam a necessidade e o poder da obediência. Para Bonhoeffer, os olhares de seus compatriotas estavam dominados pelo temor servil enquanto deveriam estar dirigidos para o alto, na livre confiança de que na missão estava a profissão e na profissão uma vocação. A liberdade, que na Alemanha é preservada tão apaixonadamente desde Lutero até a filosofia do idealismo, só existe a partir do

²⁷³Hitler se apresentou como o executor da justiça histórica enviada por Deus e recebeu apoio moral para a sua pretensão tanto do exterior como de dentro do país, em especial da Igreja. Apenas um pequeno grupo pode reconhecê-lo como semelhante a Satanás na figura de um anjo de luz. (2Cor 11:14).

²⁷⁴BONHOEFFER, *Resistência e Submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. p. 28-29.

²⁷⁵Ibid. p. 30.

senso de responsabilidade do homem livre. Mas só então, os alemães estavam descobrindo, segundo Bonhoeffer, o significado da responsabilidade livre: *“Ela se baseia em um Deus que exige o livre risco da fé na ação responsável e promete perdão e conforto a quem se torna pecador dessa maneira”*.²⁷⁶

O cristão tem a obrigação ética de viver e agir de tal forma que seu testemunho e ação individuais não colaborem para a derrota da proposta cristã. Ser eticamente contra o nazismo era algo até certo ponto confortável na melhor das hipóteses – porque na pior tratava-se de mero exercício de hipocrisia e oportunismo – se esta atitude não levasse à ação prática pelo aniquilamento de ideologia tão flagrantemente anticristã. Para Bonhoeffer, Todos são co-responsáveis pela formação da História, como vencedores ou como derrotados. Essa co-responsabilidade é dada por Deus.

“A questão última não é como eu poderia escapar da situação de modo heróico, mas como a próxima geração deverá viver. Somente dessa questão responsável do ponto de vista histórico é que podem surgir soluções produtivas, mesmo que temporariamente muito humilhantes. Em suma, é muito mais fácil ater-se a uma causa por princípio do que assumindo a responsabilidade concreta por ela. A geração jovem sempre terá o instinto mais aguçado para distinguir se estamos agindo por mero princípio ou a partir de uma responsabilidade viva, pois nisso está em jogo o seu próprio futuro.”²⁷⁷

Uma ação responsável não é aquela que assume uma postura contra a injustiça apenas quando esta atinge o próprio indivíduo, mas, sim, a que se posiciona e age diante do sofrimento dos seus semelhantes. Esta ação tem um preço, pois *“é infinitamente mais fácil sofrer na obediência a alguma ordem humana do que na liberdade de uma ação responsável própria”*.²⁷⁸

Em sua prestação de contas Bonhoeffer também alerta contra a tolice, a seu ver um inimigo mais perigoso do que a maldade e contra a qual não há defesa. O tolo está sempre completamente satisfeito consigo mesmo. Quando se sente provocado passa a agredir. A tolice para ele não é propriamente um defeito intelectual, mas um defeito humano. Talvez seja mais um problema sociológico do que psicológico. *“É uma forma particular de influência das circunstâncias históricas sobre a pessoa, um sintoma psicológico de determinadas situações*

²⁷⁶Ibid. p. 31.

²⁷⁷Ibid. p. 32.

²⁷⁸Ibid. p. 40.

externas.”²⁷⁹ Segundo ele, boa parte das pessoas se tornam tolas quando castigadas por uma demonstração de poder mais forte, quer seja político ou religioso, pois o poder de uns precisa da tolice de outros. O tolo utiliza-se de chavões e palavras de ordem para parecer independente, mas na verdade é um instrumento sem vontade própria, capaz de qualquer maldade e ao mesmo tempo incapaz de reconhecê-la como tal. Bonhoeffer adverte para o perigo que representa esse ser fascinado, obcecado, que pode agir diabolicamente e contribuir para a destruição de vidas.²⁸⁰ Somente um ato de libertação interior autêntica pode vencer a tolice. Em suas palavras, a expressão bíblica em Pv 1:7 e Sl 111:10 “*afirma que a libertação interior da pessoa para uma vida responsável diante de Deus é a única verdadeira superação da tolice.*”²⁸¹ Para Bonhoeffer, porém na maioria dos casos a libertação interior só se dá após uma libertação exterior. Enquanto esta não ocorre deve-se desistir de persuadir o tolo.

O desejo de Deus é converter o mal em bem, para isso Ele dá a resistência que mulher e homem precisam para enfrentar as necessidades ou aflições. Para Bonhoeffer, o sentimento místico de quem tem o coração puro e reto – a justiça terrena só recompensa e pune as ações, mas a justiça de Deus prova e julga os corações²⁸² – diante de Deus leva necessariamente a uma militância cristã responsável diante dos destinos do Reino de Deus na História. Sua fé expressa a crença em um Deus que atua na história através daqueles que se dispõem a viver a fé sem dualismos:

“Creio que Deus pode e quer converter tudo, mesmo o pior mal, em bem. Para isso ele precisa de pessoas que saibam tirar o melhor de todas as coisas. Creio que em toda situação de necessidade ou aflição Deus nos quer dar tanta resistência quanta necessitamos. Mas ele não a dá antecipadamente, para que não confiemos em nós mesmos, e sim somente nele. Uma fé assim deveria ter superado todo o medo do futuro. Creio que nem mesmo nossas faltas e nossos erros são em vão e que para Deus não é mais difícil lidar com eles do que com nossas supostas boas obras. Creio que Deus não é um destino atemporal, mas ele espera por orações sinceras e ações responsáveis e responde a elas.”²⁸³

“Cristo se esquivou do sofrimento somente até que chegasse a sua hora; mas então ele foi ao se encontro com liberdade, o enfrentou e venceu. [...] Cristo experimentou todo o sofrimento de todas as pessoas em seu corpo como sofrimento próprio – que pensamento sublime! – e o tomou sobre si com

²⁷⁹Ibid. p. 33.

²⁸⁰Ibid. p. 34.

²⁸¹Ibid. p. 34.

²⁸²Ibid. p. 36.

²⁸³Ibid. p. 37.

liberdade. Nós certamente não somos Cristo, nem chamados a salvar o mundo por meio de nossa própria ação e nosso próprio sofrimento. Não devemos nos sobrecarregar com o impossível e nos torturar por não podermos fazê-lo; não somos senhores, mas instrumentos nas mãos do Senhor da história. Só conseguimos compadecer-nos de fato com o sofrimento de outras pessoas em grau bem limitado.” [...] Pois “a espera passiva e a assistência indiferente não são atitudes cristãs. Não são as experiências no próprio corpo que chamam a pessoa cristã a agir e a compadecer-se, mas as experiências no corpo dos irmãos, pelos quais Cristo sofreu.”²⁸⁴

Tanto o pensar quanto o agir cristãos devem buscar o bem da geração vindoura. O cristão deve viver cada dia como se fosse o último, mas fazê-lo em fé e responsabilidade como se tivesse um grande futuro pela frente. Orar e trabalhar sem se preocupar com o dia de amanhã: “*basta a cada dia o seu mal*” (Mt 6:34).²⁸⁵

Bonhoeffer declara que, para ele, pensar na morte tornou-se uma prática cada vez mais familiar. Embora não a odiasse, não significava que a desejava de bom grado. Amava demais a vida e esta lhe parecia preciosa:

“A partir das experiências da guerra, quase não ousamos mais admitir o desejo íntimo de que a morte não nos apanhe por acaso, repentinamente, à margem do essencial, mas na plenitude da vida e na totalidade do nosso engajamento. Não serão as circunstâncias externas, mas nós mesmos que transformaremos a nossa morte naquilo que ela pode ser, ou seja, na morte em consentimento voluntário.”²⁸⁶

Na carta que escreveu para Maria em 9 de março de 1943, Bonhoeffer disse que embora eles não tivessem conversado muito sobre o assunto, sabiam que na Alemanha as pessoas corriam perigo, umas mais outras menos, mas propunha: *Quem poderia se esquivar do perigo só por medo? Que mulher não teria que suportar o presente, ainda que seu marido se esforçasse por não jogar sobre os seus ombros uma carga tão pesada?*²⁸⁷ Quando recebeu essa carta Maria não podia imaginar em que medida o perigo era tão grande e real.

²⁸⁴Ibid. p. 38-40.

²⁸⁵Ibid. p. 41.

²⁸⁶Ibid. p. 42.

²⁸⁷BONHOEFFER e WEDEMEYER, *Cartas de amor desde la prisión*. p. 19.



Figura 26: Família Bonhoeffer, março 1943, 5 dias antes de Dietrich ser preso. Dietrich está mais distante à esquerda. Rüdiger Schleicher, Klaus Bonhoeffer e Friedrich Perels, também na foto, foram executados em 1945 também.

<http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.ushmm.org/museum/exhibit/online/bonhoeffer/b4.jpg&imgrefurl=http://www.ushmm.org/museum/exhibit/online/bonhoeffer/>

Em 13 e 21 de março 1943, Bonhoeffer participa da tentativa frustrada de matar Hitler. Pela dupla vida que levava seu nome não apareceu na lista de intercessão da Igreja Confessante quando foi preso em 5 de abril daquele ano.²⁸⁸ Naquele mesmo dia sua irmã Christine, seu cunhado Hans von Dohnanyi e seu amigo Müller e esposa foram presos.²⁸⁹ Christine foi levada para a prisão policial no Kaiserdamm e posta em liberdade em 30 de abril, após ser transferida duas vezes de local.²⁹⁰

Segundo narra, em sua primeira noite na prisão, Bonhoeffer foi encerrado numa cela de passagem. Na manhã seguinte jogaram-lhe um pedaço de pão cujos fragmentos ele teve que ajuntar no chão. Um quarto do café era composto de uma borra intragável. Ele e os outros detentos foram xingados pelo carcereiro de vagabundos, entre outros termos chulos. A todos era perguntado o motivo de sua

²⁸⁸Bonhoeffer foi preso por participar da chamada “Operação 7”, pela qual 14 judeus foram introduzidos secretamente na Suíça. SLANE, *Bonhoeffer, o mártir: responsabilidade social e compromisso cristão moderno*. p. 52.

²⁸⁹BONHOEFFER, *Resistência e Submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. p. 603.

²⁹⁰Ibid. p. 51.

prisão. Bonhoeffer respondeu desconhecer o motivo, pelo que, o carcereiro, rindo sarcasticamente, respondeu: “*Não vai demorar muito para que o Senhor fique sabendo.*”²⁹¹ Foi levado à cela 10, que ficava mais distante, no último andar. Na porta foi afixada uma tabuleta que dizia ser proibida a entrada de pessoas sem permissão especial. Bonhoeffer foi informado de que embora o regulamento da casa desse o direito a 30 minutos de banho de sol, ele, ao contrário dos demais prisioneiros, não teria esse direito. Retiraram tudo que lhe pertencia. Sua Bíblia só foi restituída 48 horas depois, após cautelosa revista. Nos doze dias seguintes a cela só foi aberta para entrega de comida e retirada do balde higiênico. Não lhe informaram o motivo da prisão e nem o tempo de sua permanência, assim como nenhuma outra palavra lhe foi dirigida.²⁹²



Figura 27: Cela de Bonhoeffer em Tegel

www.epochtimes.de/pics/2006/02/02/xxl/2006-02

²⁹¹Ibid. p. 349.

²⁹²Ibid. p. 348.

Após esse período, descobriram que o comandante da cidade de Berlim, Paul von Hase, era seu tio. A relação de parentesco, conjugada ao crescente perigo do deslocamento de ar em virtude das explosões, ajudou em sua transferência para seção A IV, cela 92, uma cela mais espaçosa, que era varrida e desinfetada diariamente. Sua quantidade de ração foi aumentada, o que ele recusou, já que isso ocorreria à custa dos outros presos. Por iniciativa do capitão, que o tratava muito gentilmente, diariamente passou a tomar banho de sol. Muitos dos carcereiros vieram a ele para se desculpar, pois até então “*não sabiam de quem se tratava*”, distinção que para ele era tremendamente embaraçosa. Tinha mais uma vez a percepção do fato de que o homem humilde, sem relações, tem que agüentar tudo calado. Alguns poucos carcereiros eram mais amistosos com todos. À noite, os presos tinham que ficar sentados no catre, em completa escuridão, até que fosse dado o toque de recolher. Era uma situação extremamente humilhante e que produzia muito ressentimento entre os presos.²⁹³

Por várias semanas Bonhoeffer foi submetido a contínuos interrogatórios, no que se constituía em uma verdadeira tortura. No princípio, não lhe foi permitido receber visitas e até o final de julho só podia escrever uma carta aos seus pais a cada dez dias.²⁹⁴ Era impedido de escrever abertamente, já que estava sob estrita vigilância dos censores. Neste período, sua noiva, Maria von Wedemeyer, teve que se contentar com umas poucas linhas nas quais ele, ao escrever a seus pais, a ela fazia referência.²⁹⁵

A prisão significou para Bonhoeffer um lugar de isolamento, de separação da família, da noiva, do amigo particular (Eberhard Bethge), dos irmãos da Igreja Confessante, dos companheiros de conspiração, do Conselho Fraternal da Igreja Evangélica da Antiga União Prussiana e dos seus manuscritos para “*Ética*”.²⁹⁶ Conforme suas Anotações II, de maio de 1943, a prisão significou “*separação do que é passado e do que é futuro*”.²⁹⁷

Como forma de tornar presente o próprio passado, numa situação em que o tempo poderia facilmente parecer “*vazio*” e “*perdido*”, escreveu um “*Ensaio sobre*

²⁹³Ibid. p. 348-353.

²⁹⁴Ibid. p. 47.

²⁹⁵BONHOEFFER e WEDEMEYER, *Cartas de amor desde la prisión*. p. 20.

²⁹⁶BONHOEFFER, *Resistência e Submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. p. 11.

²⁹⁷Ibid. 65-66.

a sensação do tempo”.²⁹⁸ Esse ensaio foi perdido, mas rendeu um comentário em sua carta de 18 de novembro de 1943 para Bethge, na qual diz: “*gratidão e arrependimento são elementos que fazem com que nosso passado permaneça sempre presente*”.²⁹⁹ Conforme o prefácio dos editores de *Resistência e Submissão*, a consciência de gratidão, seja esta a Deus ou ao próximo, aparece em diversas cartas de Bonhoeffer e permeia sua existência. “*é o sentimento vital que determina o relacionamento de Bonhoeffer com o seu mundo de origem, especialmente com o pai e a mãe.*”³⁰⁰ Como escreveu em uma de suas cartas aos pais: “*Na vida normal, muitas vezes não se tem consciência de que uma pessoa, por via de regra, recebe infinitamente mais do que dá e que é a gratidão que enriquece a vida.*”³⁰¹

O sentimento de gratidão persistiu mesmo na adversidade, como pode ser percebido em sua resposta ao cunhado Hans von Dohnanyi, o qual, por ocasião da Páscoa de 1943, abriu mão de enviar uma carta para a esposa e filhos para escrever para Bonhoeffer: “*Nem imaginas como me aflige o fato de eu ter sido o motivo pelo qual esse sofrimento sobreveio a ti, a Christel, às crianças, ao pai e à mãe, pelo qual minha amada esposa e tu foram privados da liberdade.*”³⁰² Ao que Bonhoeffer, em 5 de abril, responde:

“não há sequer um átomo de censura ou amargor em mim em relação ao que aconteceu a ti e a mim. Estas coisas vêm de Deus e somente dele, e estou de acordo contigo e com Christel de que diante dele somente pode haver submissão, perseverança, paciência – e gratidão. [...] essa experiência é boa para nós dois, mesmo que hoje seja tão incompreensível. [...] Agora temos de soltar das mãos aquilo que não podemos fazer e limitar-nos ao que podemos e devemos fazer, ou seja, ser valentes e fortes na confiança em Deus, em meio ao sofrimento.”³⁰³

A carta foi uma exceção. No período de abril a julho de 1943 sua correspondência era restrita ao pai e à mãe, limitada a uma única folha, que saía da prisão com o carimbo de “*envio permitido*”.³⁰⁴ Bonhoeffer selecionava com cuidado cada palavra que escrevia aos pais. Precisava assegurar-se que as

²⁹⁸Ibid. p. 176.

²⁹⁹Ibid. p. 176.

³⁰⁰Ibid. 12.

³⁰¹Ibid. p. 148.

³⁰²Ibid. p. 51.

³⁰³Ibid. p. 61-62.

³⁰⁴Ibid. p. 50.

mensagens não fossem entendidas pelo censor que as lia em primeira mão. Seus correspondentes também tomavam suas precauções. Assim, nunca citavam diretamente os nomes dos envolvidos no movimento e escreviam algo que dissimulasse a situação de Bonhoeffer, como por exemplo, a carta número 43, de 11 de agosto de 1943, enviada a ele por sua mãe, Paula:

“[...] mas, como sabemos que por razões cristãs és um homem ordeiro, que quer cumprir as leis, dizemos para nós mesmos que decerto só pode tratar-se de um erro formal ou talvez até falta de conhecimento, e que o novo direito alemão deve fundamentar-se justamente na mentalidade; portanto, assim como tu, não queremos preocupar-nos com o resultado desse caso, mas colocá-lo nestes tempos, assim como toda a nossa vida insegura, nas mãos de Deus.”³⁰⁵

Bonhoeffer assinala em uma de suas primeiras cartas aos pais a dificuldade para alguém de fora ter uma idéia correta do que era estar preso, embora os momentos em si muitas vezes não fossem diferentes do que em outro lugar qualquer. Procurava focar no que podia fazer: ler, refletir e escrever. Para conter o rancor causado pela situação e evitar o pensamento em relação ao que não se podia fazer, caminhava na cela de um lado para o outro³⁰⁶. Estava convicto que só o cristianismo bem compreendido permite ao ser humano preservar sua integridade mental em um ambiente tão bruto.³⁰⁷

A primeira permissão de visita pessoal na Prisão Preventiva das Forças Armadas em Tegel foi dada a seus pais em 23 de maio de 1943.³⁰⁸ Maria recebeu autorização para visitá-lo em 24 de junho, o que foi uma surpresa para ele, que ficou sabendo do encontro um minuto antes de ela entrar. Numa carta deste mesmo dia aos pais ele relata: “*Maria foi muito corajosa em vir; eu nem ousei esperar isso dela, pois para ela tudo é ainda mais difícil do que para mim. Eu sei em que estou metido, mas para ela tudo é incompreensível, enigmático, terrível.*”³⁰⁹

A saudade de todos e dos cultos era tal que no domingo de Pentecostes, 14 de junho, Bonhoeffer celebrou só para ele um culto. No seu dizer foi tão bonita a celebração e tão concreta a presença da família e das comunidades onde ele já

³⁰⁵Ibid. p. 14 e 125.

³⁰⁶Ibid. p. 71.

³⁰⁷Ibid. p. 103.

³⁰⁸Ibid. p. 83.

³⁰⁹Ibid. p. 103.

havia celebrado o Pentecoste, “*que nem se percebia mais a solidão.*”³¹⁰ O silêncio era tão intenso naquele dia, que se podia ouvir os passos dos prisioneiros. Na carta que escreveu a seus pais disse que “*se fosse capelão da prisão, em dias como estes passaria de manhã cedo até a noite pelas celas; muita coisa iria acontecer.*”³¹¹

Num segundo momento pôde escrever também para a noiva. Sua primeira carta diretamente de Tegel para ela foi datada de 30 de julho de 1943: “[...] *Não é maravilhoso que agora posso escrever-te diretamente e sem intermediários? Como tenho suspirado por este momento! Me permitem escrever uma carta a cada quatro dias; e eu vou fazê-lo alternando entre ti e meus pais.*”³¹² Para os irmãos e as irmãs, porém, lhe era impossível escrever, por ser ilegal. Os correios exerciam forte vigilância sobre os destinatários. Nesta época sua mãe estava com 67 e seu pai com 75 anos de idade.³¹³

Bonhoeffer procurava aproveitar o máximo dos seus dias. Levantava às 6 da manhã, fazia ginástica, se lavava com água fria, tomava seu café logo cedo e, a partir das 7 horas, ocupava-se com a teologia. Era levado sozinho para um passeio de meia hora e depois escrevia até o meio-dia. Na parte da tarde dedicava-se à leitura de algum livro interessante, como de história universal. Depois estudava um pouco de gramática da língua inglesa, e em seguida lia ou escrevia um pouco mais. Muitas vezes não conseguia cumprir tudo o que tinha planejado para o dia. Buscava manter uma rotina intensa que o levasse a ficar cansado o suficiente para desejar deitar-se à noite. Algumas vezes, porém, não conseguia dormir de imediato,³¹⁴ principalmente em dias escuros como os de outono. Conforme escreveu acerca disso a seus pais: “*É preciso clareá-los a partir de dentro.*”³¹⁵

Em relação às condições de higiene da cela e à alimentação recebida Bonhoeffer não reclamava e achava que eram boas. Porém, à medida que o tempo passava e os ataques aéreos aumentavam, a comida passou a ser racionada e quase sempre não era possível receber suplemento dos familiares. Relacionou sua gripe e o prolongamento do seu estado gripal à alimentação deficiente. Disse aos pais,

³¹⁰Ibid. p. 97.

³¹¹Ibid. p. 98.

³¹²BONHOEFFER e WEDEMEYER, *Cartas de amor desde la prisión*. p. 46.

³¹³BONHOEFFER, *Resistência e Submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. p. 12-13.

³¹⁴Ibid. p. 226, 162-164, 182 e passim.

³¹⁵Ibid. p. 170.

em carta de 3 de março de 1944, que o mundo adquiria outro aspecto quando se tem algo consistente no estômago, que o trabalho rende mais. Contudo, ele também se preocupava com a possibilidade de estar retirando a comida dos pais, que além da idade tinham muito trabalho a realizar, por isso precisavam mais de alimento pela energia que despendiam para exercer o trabalho diário.³¹⁶

Na carta que escreveu posteriormente a Bethge, em 18 de dezembro,³¹⁷ disse que é preciso amar a Deus, confiar nele em tudo que acontece e entregar-se de tal forma que, quando vier o tempo – mas, somente então! –, se possa ir com alegria ao encontro dEle. Querer que um homem, nos braços de sua mulher amada, pense no além seria uma prova de mau gosto, não a vontade de Deus. O ser humano deveria achar Deus e amá-lo em qualquer circunstância, conveniente ou não. Se Deus permite e se agrada que o homem e a mulher desfrutem de uma felicidade terrena, arrebatadora, não se deve ser mais piedoso que Ele. Não se deve comprometer a felicidade que Deus dá por fantasias religiosas extravagantes que nunca conseguem satisfazer-se com o que ele concede.³¹⁸

A quem encontra essa felicidade terrena, Deus também concede reconhecer a provisoriedade do que é material e a importância de acostumar o coração à eternidade. Há tempo para tudo debaixo do sol, como ensina o Eclesiastes. Estar no ritmo de Deus é bom – nem alguns passos à frente nem alguns passos atrás. Querer tudo de uma vez é atrevimento: a felicidade da vida terrena, a cruz e a Jerusalém celestial, onde não há homem e mulher.³¹⁹

Posteriormente Bonhoeffer escreveu:

“renunciar as autênticas alegrias e conteúdos de vida para evitar dores certamente não é cristão e nem humano. [...] Creio que honramos melhor a Deus quando conhecemos, aproveitamos e amamos a vida que ele nos deu com todos os seus valores.”³²⁰

“Há pessoas que não levam a sério e cristãos que consideram ímpio esperar um futuro terreno melhor e preparar-se para ele. Eles acreditam no caos, na desordem, na catástrofe como sentido dos eventos atuais e esquivam-se, por meio da resignação ou da piedosa fuga do mundo, da responsabilidade pela continuidade da vida, pela reconstrução e pelas próximas gerações. Pode até acontecer que amanhã irrompa o dia do juízo final; então, sim largaremos de bom grado o trabalho em favor de um futuro melhor, mas antes disso não.”³²¹

³¹⁶Ibid. p. 319-320.

³¹⁷Ibid. p. 224.

³¹⁸Ibid. p. 227.

³¹⁹Ibid. p. 226-227.

³²⁰Ibid. p. 266-267.

³²¹Ibid. p. 41-42.

A clara posição não dualística de Bonhoeffer remonta ao exemplo de Jesus mesmo, que, ainda quando criticado, não se negava a desfrutar dos prazeres da vida comum em nome de um ascetismo supostamente superior a tudo que fosse humano. A graça divina que permite a percepção da presença de Deus nesses prazeres é a mesma que torna possível percebê-lo no martírio mais doloroso. Com esse sentimento e com essa atitude que Dietrich Bonhoeffer caminharia para sua hora final.

A correspondência teológica de Bonhoeffer só começou após a conclusão da fase interrogatória e depois que a peça acusatória pelo Conselho de Guerra do Reich foi formulada. Como toda a responsabilidade pelo atentado fora inicialmente atribuída a Hans von Dohnanyi, Bonhoeffer entendeu que não tinha sido incriminado. Em 18 de novembro de 1943, começou se corresponder com seu amigo Eberhard Bethge. As cartas chegavam a seu destinatário por diferentes caminhos,³²² sempre para driblar a censura.³²³ Na primeira carta a Bethge, fez um balanço dos oito primeiros meses de prisão e pediu ao amigo: “*Sê para mim – depois de tantos meses sem culto, confissão, santa ceia e sem “consolatio fratrum” – mais uma vez, como já o fizeste tantas vezes, meu pastor e escuta-me*”.³²⁴ Bonhoeffer disse que nos doze primeiros dias ficou isolado e foi tratado como prisioneiro de alta periculosidade. Seus vizinhos de cela eram todos condenados à morte que ficavam algemados. A Bíblia, em especial os Salmos e Apocalipse,³²⁵ bem como os hinos de Paul Gerhardt, mostraram uma inesperada importância e validade.³²⁶

Sentia-se consumido por uma inquietação: *a causa de Cristo seria a razão pela qual ele dava desgosto a todos da família?* Logo se convenceu de que sua missão era suportar esse caso-limite com tudo que ele envolvia (cf. 1 Pe 2:20; 1 Pe 3:14). Em mais de um sentido, esse tempo na prisão constituía um tratamento salutar para ele.³²⁷ Sabia que tanto a ação quanto o sofrimento eram caminhos para a liberdade. A libertação no sofrimento consistia em tirar sua própria causa

³²²“Bonhoeffer conseguiu convencer um membro da guarda que lhe era simpático a contrabandear as cartas a Bethge para fora da prisão preventiva do exército”. Ibid. p. 14.

³²³Ibid. p. 174.

³²⁴Ibid. p. 174.

³²⁵Nesse período além do estudo bíblico diário, a clareza que possuía das raízes cristãs no judaísmo o levou a ler duas vezes e meia o Antigo Testamento.

³²⁶BONHOEFFER, *Resistência e Submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. p. 174-180.

³²⁷Ibid. p. 175 e 200.

de seu domínio e entregá-la a Deus. Entendia que o sofrimento era o prolongamento de sua ação e a consumação de sua liberdade.³²⁸

De um modo geral, Bonhoeffer nutria esperança de sair da prisão e refazer sua vida, muito embora, na carta tenha dito ao amigo que deixou um testamento com o advogado, “*para qualquer eventualidade*”. Conferia a Bethge quase todos os seus bens, mas pedia que Maria escolhesse em primeiro lugar o que ela gostaria de ter como lembrança. Pedia que ele fosse generoso para com ela e que, ocasionalmente, lhe escrevesse palavras amáveis.³²⁹

Bonhoeffer disse ainda ao amigo: “*Espero que não estejas imaginando que sairei daqui como homem da “linha interior”, agora menos do que nunca!*”. Queria afirmar com isso que não se preocupava só com a vida espiritual, pois assim que fosse libertado, antes mesmo de ingressar no trabalho, queria se casar.³³⁰ Havia também na Igreja Confessante um grupo que acreditava que a Igreja deveria se preocupar com a vida interior, com a espiritualidade, e trabalhar exclusivamente para a edificação da vida espiritual. Era uma tendência com forte tom apocalíptico. Outro grupo acreditava que a Igreja tinha uma função profética e ética na relação com o mundo, pelo que devia preparar-se para o momento em que novamente poderia exercer essa função.³³¹

Bonhoeffer demonstrava em suas cartas a preocupação em não separar os aspectos espirituais dos acontecimentos do dia-a-dia da vida, tais como suas preocupações pela sobrevivência, a política e tudo que concerne ao viver do homem e da mulher enquanto cidadãos. Para ele, a intensa experiência da guerra era o fundamento necessário para a compreensão de que somente com o cristianismo como base seria possível a reconstrução da vida dos povos, tanto interna quanto externamente. Logo, era importante guardar dentro de si essa vivência, fazê-la amadurecer e frutificar. Todos estavam sendo preparados e amadurecidos para as tarefas gigantescas com as quais se defrontariam futuramente.³³²

De novembro de 1943 a agosto de 1944, Bonhoeffer escreveu para Bethge mais de 200 páginas, completamente preenchidas, com complementos e adendos

³²⁸Ibid. p. 502.

³²⁹Ibid. p. 177.

³³⁰Ibid. p. 179.

³³¹Ibid. p. 179.

³³²Ibid. p. 197.

que muitas vezes ultrapassavam as margens do papel e ocupavam as bordas. Foi o período que mais escreveu em toda a sua vida. Nelas retomou temas teológicos já trabalhados: “*Quem é de fato Cristo para nós hoje?*”;³³³ “*A maioria do mundo*”; “*Cristianismo arreligioso*”; “*Interpretação não-religiosa*”; “*a Igreja tem que sair de sua estagnação*”, entre outros. Também escreveu poemas, sermões, a reflexão para o batismo, um ensaio sobre o que significa dizer “*a verdade*” e, ainda, “*orações para os prisioneiros*”. As cartas que Eberhard Bethge recebia na Itália ele as mandava para sua mãe em Kade, ou, durante seus períodos de licença, as levava até Berlim. Elas foram guardadas em latas de máscaras contra gás e enterradas no jardim da casa da família Schleicher, sendo assim conservadas relativamente intactas das influências climáticas. Muitas cartas, porém, se perderam ou ficaram danificadas, como as posteriormente classificadas pelos números 145 (Reflexões sobre o batismo), 156 e 138.

Existem cartas destinadas aos pais e às irmãs que não foram publicadas por se referirem a passagens de caráter familiar, em especial a descrição de eventos da família. Estão também nesse caso trechos de cartas de Bonhoeffer e Bethge com “*orações ou trechos de orações contendo juízos pessoais a respeito de membros da família, que somente são compreensíveis com base no conhecimento mútuo dessas pessoas.*”³³⁴ Sua literatura está repleta de frases que servem para sacudir os crentes de sua inércia social e despertá-los para uma vida de comunhão mais profunda com Cristo, num verdadeiro discipulado no qual a mística e a militância não estejam dissociadas.

Ao todo se conservaram 54 cartas de Bonhoeffer: 47 para Bethge, seis para Berthe e Renate e uma para Renate, além das cartas que estavam em poder de Maria. Na carta datada de 8 de julho de 1944, Bonhoeffer havia solicitado a Eberhard que não jogasse fora suas cartas teológicas, mas que de tempos em tempos as enviasse para Renate. Sabia do perigo que essas representavam para ele.³³⁵ Contudo, não foi possível conservar as correspondências de final de agosto a setembro de 1944, pois não houve tempo para enviá-las. Estas foram destruídas em 28 de outubro, assim que Eberhard recebeu a notícia de que seria transferido para a Secretaria Central de Segurança do Reich em Berlim. Aproveitou o fato de

³³³Ibid. p. 369, nº. 137.

³³⁴Ibid. 22.

³³⁵Ibid. 467.

estar só na sala da repartição onde trabalhava, foi até o armário onde as guardava e as queimou.³³⁶

Quando Eberhard Bethge reuniu e publicou as cartas de Bonhoeffer, Maria von Wedemeyer não liberou para publicação as correspondências trocadas com seu noivo e que estavam em seu poder. A autorização destas só ocorreu em 1977, sendo publicadas em 1992, com o título *Brautbriefe Zelle 92* (Cartas de amor da prisão).³³⁷

As cartas do período que Bonhoeffer passou no cárcere das Forças Armadas em Tegel passaram a ser o “*elixir da sua vida*”.³³⁸ Nelas encontra-se o desejo e a esperança que ele tinha de deixar a prisão, bem como os planos para o futuro, incluindo o casamento.³³⁹ No dia 17 de dezembro de 1943 escreveu a seus pais sobre o anseio por liberdade e por eles:

“... durante décadas vocês nos proporcionaram Natais tão incomparavelmente belos, que a grata lembrança deles é forte o suficiente para iluminar também um Natal mais escuro. Em tempos como estes é que se evidencia verdadeiramente a importância de ter um passado e uma herança interior independente de mudança dos tempos e dos acasos. A consciência de estar amparado por uma tradição intelectual que se estende por séculos nos dá a sensação segura de estar abrigados frente a todas as dificuldades passageiras.
[...] Provavelmente aqui neste prédio muitos celebrarão um Natal mais significativo e autêntico do que lá onde só se tem ainda o nome dessa festa. Um prisioneiro entende muito melhor do que outra pessoa que a miséria, o sofrimento, a pobreza, a solidão, o desamparo e a culpa são algo bem diferente aos olhos de Deus do que para o juízo humano, que Deus se volta justamente para a direção à qual as pessoas costumam dar as costas, que Cristo nasceu na estrebaria porque não conseguiu lugar na hospedaria. Para um prisioneiro, isso de fato é uma boa mensagem, ao crer nisso, ele está ciente de que faz parte da comunhão da cristandade que rompe todos os limites de espaço e tempo, e os muros da prisão perdem sua importância.”³⁴⁰

De modo geral, suas cartas transmitiam um otimismo inquebrantável e um forte desejo de viver.³⁴¹ Conforme conta, Bonhoeffer não permitia que o presente sombrio o privasse da posse da lembrança de seu belo passado.³⁴² Todas as cartas, contidas nos livros *Resistência e Submissão* e *Cartas de amor de dentro da Prisão*,

³³⁶Ibid. p. 14-18.

³³⁷Ibid. p. 12 e 48.

³³⁸Ibid. p. 16.

³³⁹Ibid. p. 221.

³⁴⁰Ibid. p. 223-224.

³⁴¹Ibid. p. 272.

³⁴²Ibid. p. 331.

foram escritas da prisão em Tegel, com exceção das cartas de 28 de dezembro de 1944 e a de 17 de janeiro, que foram escritas da prisão subterrânea da Rua Prinz-Albrecht.³⁴³ Nelas há uma presença constante de elementos que validam a tese aqui esposada da coerência entre mística e militância e demonstram a integração de todas as facetas da vida. Para as pessoas, de modo geral, conjunturas, situações e eventos tais como guerra, casamento, questões profissionais e eclesiais ocorrem paralelas, sem conexão entre si. No entanto, para a pessoa cristã ocorrem de forma simultânea, não se deixam dividir, nem fragmentar. Portanto, é preciso encontrar um denominador comum, tanto no nível das idéias quanto na postura de vida pessoal e integral: *“quem se deixa fragmentar pelos acontecimentos e questionamentos não passou na prova para o presente e para o futuro.” [...] “Sozinho não se consegue ser alguém “inteiro”, mas apenas junto com outros.”*³⁴⁴

A origem da ação para Bonhoeffer não está no pensamento, mas na disposição de assumir responsabilidade. O pensar deve estar a serviço do agir: o reino dos céus não é para os que dizem: *“Senhor, Senhor!”*, mas para os que fazem a vontade do Pai que está nos céus.³⁴⁵ Para ele Igreja deve entender que ela não é um fim em si mesma. Sua preocupação não pode estar apenas na sua preservação, assim falharia na missão de portadora da palavra reconciliadora e redentora para os seres humanos e para o mundo. A existência cristã consiste em orar e praticar o que é justo entre as pessoas,³⁴⁶ de forma que a palavra de Deus, quando expressa pelo cristão, transforme e purifique o mundo. A Palavra não é uma linguagem qualquer, mas uma linguagem nova, de justiça e verdade, que proclama a paz de Deus com as pessoas e a aproximação do seu reino. Um reino grande e invisível no qual se vive e sobre cuja realidade não se tem qualquer dúvida.³⁴⁷ Um reino pelo qual vale à pena arriscar a vida.³⁴⁸

Depois de ter falhado a trama do assassinato de Hitler, em 20 de julho de 1944, centenas de prisioneiros políticos foram presos e executados. Enquanto isso, as igrejas ensinavam ao povo a agradecer a Deus por ter salvado o Führer, em

³⁴³Ibid. p. 23.

³⁴⁴Ibid. p. 280.

³⁴⁵Ibid. 395-396.

³⁴⁶Ibid. p. 398.

³⁴⁷Ibid. p. 556.

³⁴⁸Ibid. p. 404.

condições tidas como providenciais e até miraculosas. Dietrich passou os primeiros dezoito meses na prisão em Berlim. Nesse tempo, permanecia a permissão para escrever apenas para a família (pai, mãe e noiva). Seu material teológico continuava censurado. Todavia, como ali adquiriu o respeito do carcereiro e do censor de correspondência, que o tratavam com indulgência, conseguiu manter a correspondência com seu amigo e confidente Eberhard Bethge.³⁴⁹

A data na qual Bonhoeffer havia escrito sua primeira carta teológica da prisão foi 30 de abril de 1944.³⁵⁰ A maioria das cartas, a partir de então, foi endereçada a Bethge e estão entre os textos mais inspiradores do seu legado teológico. De Tegel surgiu uma série de reflexões proféticas que fizeram com que a cela da prisão se convertesse em algo como a cela de um monastério. *“A troca de cartas entre Bonhoeffer e Bethge tinha de permanecer oculta aos de fora para proteger todos os envolvidos.”*³⁵¹ O contato com a resistência e a Igreja Confessante era feito através de escrita codificada. Da prisão ele sabia do plano para assassinar Hitler e soube do seu fracasso no dia em que o conde Stauffenberg deixou uma valise contendo duas bombas sob a mesa onde o Führer e seus generais examinavam os mapas da guerra. Foi do cárcere em 16 de julho de 1944 que escreveu:

“O ser humano é conclamado a compartilhar o sofrimento de Deus por causa do mundo sem Deus. [...] Ser cristão não significa ser religioso de uma determinada maneira, tornar-se alguém (um pecador, um penitente ou um santo) com base em alguma metodologia, mas significa ser pessoa; Cristo não cria em nós um tipo de ser humano, mas o próprio ser humano. Não é o ato religioso que produz o cristão, mas a participação no sofrimento de Deus na vida mundana. Esta é a metanóia: não pensar primeiramente nas próprias necessidades ou aflições, perguntas, pecados e medos, mas deixar-se arrastar para o caminho de Jesus, para dentro do evento messiânico do cumprimento de Is 53 agora! [...] Jesus não conclama para uma nova religião, mas para a vida. Mas como se apresenta essa vida, essa vida de participação na impotência de Deus no mundo?”³⁵²

³⁴⁹Ibid. p. 14-16.

³⁵⁰Ibid. p.606.

³⁵¹Ibid. p. 420.

³⁵²Ibid. p. 489-491.

Bonhoeffer desejava apresentar Jesus da mesma forma que os autores do Novo Testamento apresentaram. Na carta escrita para Bethge datada de 30 de abril de 1944, levantou a questão:

“o que é o cristianismo ou ainda quem é de fato Cristo para nós hoje?”³⁵³ “Quem segue indiviso ao mandamento de Jesus, quem se sujeita sem resistência ao seu jugo, a este se lhe torna leve o fardo que tem de levar, recebendo, na suave pressão desse jugo, a força necessária para percorrer o caminho certo sem cansaço. O mandamento de Jesus é duro, desumanamente duro, para aquele que se lhe opõe. O mandamento de Jesus é suave e fácil para aquele que voluntariamente se lhe sujeita. [...] nada tem a ver com curas psicológicas violentas. Jesus nada nos exige sem nos dar forças para o realizar. O mandamento de Jesus jamais destruirá a vida, mas a conservará, fortalecê-la-á e a sanará.”³⁵⁴

Bonhoeffer não podia compreender a separação entre a mística e a militância na vida do cristão. Como escreveu: “*Há situações em que a mais singela ação vale muito mais do que os maiores projetos, planos e debates.*”³⁵⁵ Cada cristão deve agir como lhe é dado fazer. Para ele, muitos ainda continuavam apegados aos seus desejos e estes lhes roubavam a oportunidade de ser e fazer algo pelos outros. O texto “*Pois eu estava com fome, e vocês me deram comida; estava com sede, e me deram água. Era estrangeiro, e me receberam na sua casa. Estava sem roupa, e me vestiram; estava doente, e cuidaram de mim. Estava na cadeia, e foram me visitar*” (Mt 25:35-36) lhe era muito caro. A ausência de desejo era considerada pobreza, entretanto, a busca desenfreada pela satisfação do seu próprio desejo torna muitas vezes a pessoa incapaz de amar ao próximo.³⁵⁶ Assim, embora preso fisicamente continuava a agir conforme as condições lhe permitiam.

Escreveu a seu amigo que, nos últimos anos, aprendera a conhecer e a compreender mais e com mais profundidade, o que significava estar do lado do cristianismo, no seu sentido mais profundo: o da disciplina, do conhecimento da morte e da ressurreição. O cristão não é uma pessoa religiosa. Ele é simplesmente um ser humano assim como Jesus foi, talvez em contraste com João Batista que vivia no deserto, portanto, afastado da vida comunitária. Só quando se dá a

³⁵³Ibid. p. 369.

³⁵⁴BONHOEFFER, Discipulado. p. 5.

³⁵⁵BONHOEFFER, *Resistência e Submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. p. 328.

³⁵⁶Ibid. p. 329.

entrega total nos braços de Deus, em meio aos problemas e lutas da vida real, é que se participa do sofrimento de Cristo e se torna mais humanos.³⁵⁷

Dez dias após o fracasso do golpe ainda não havia prova cabal que ligasse Bonhoeffer à conspiração, de modo que ele nutria grande esperança de libertação.³⁵⁸ Mantinha-se controlado e trabalhava intensamente enquanto aguardava pelo andamento do processo. Em suas correspondências denunciava a estagnação da Igreja que, no seu entender, deveria manter o diálogo aberto e não ter medo de ser questionada nos temas vitais.³⁵⁹ Deveria sair da autodefesa e correr o risco em favor de outros.³⁶⁰ Uma instituição religiosa somente constitui uma Igreja quando se compromete e dedica à comunidade.

Bonhoeffer sugeriu que a Igreja repartisse seu patrimônio com os necessitados e que os pastores vivessem de doações espontâneas da comunidade e da profissão secular, se a exercessem. A Igreja deveria participar em todas as atividades dos seres humanos, não como dominadora, mas como serva. Ela deveria dizer para as pessoas de todas as profissões o que é uma vida com Cristo, o que significa existir para os outros. Para tal, seria preciso combater todo o mal, não apenas com palavras, mas em especial com o exemplo: em vista da Encarnação a vida só adquire sentido se for vivida para Deus e para os outros.³⁶¹ Essa é a experiência da transcendência, ou seja, pela fé participa-se da encarnação, da cruz e da ressurreição de Jesus Cristo, que se esvaziou, tomou a forma de servo e adquiriu uma nova existência para o outro. O transcendente não é inatingível, é o Deus em figura humana, é o próximo que está ao alcance, é o “*ser humano para os outros*”,³⁶² por isso crucificado. A integração que ele faz entre mística e militância ficou aqui ainda mais evidenciada, bem como a conexão entre a vida compromissada com Deus, com o próximo e com o mundo que o cerca.

A partir de maio de 1944 Bonhoeffer passou a escrever suas cartas sem colocar o ano. Havia solicitado a Bethge que caso as cartas caíssem nas mãos da Gestapo ambos deveriam afirmar no interrogatório que elas eram de 1940/1941,

³⁵⁷Ibid. p. 495-496.

³⁵⁸Ibid. p. 506.

³⁵⁹Ibid. p. 507-508.

³⁶⁰Bonhoeffer diz na sua carta de 3.8.44 que nem na Igreja Confessante sopra um vento totalmente livre, isso se referindo a tentativa de excomunhão de R. Bultmann por ocasião da sua palestra sobre demitologização, em Alpirsbach.

³⁶¹BONHOEFFER, *Resistência e Submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. p. 510.

³⁶²Ibid. p. 511.

período das viagens de visitação ou da estadia em Ettal.³⁶³ As cartas revelam que ele nunca perdeu a convicção de que a bondade misericordiosa e a mão de Deus estivessem conduzindo todas as coisas. Era grato por todas as pessoas com as quais teve oportunidade de se relacionar de perto e almejava que elas também tivessem certeza da bondade e do perdão de Deus e fossem gratas por isso.³⁶⁴



Figura 28: Bonhoeffer, verão 1944, em Tegel

www.ekkw.de/img_ekkw/aktuell/bonhoeffer_sitze...

³⁶³Ibid. p. 525.

³⁶⁴Ibid. p. 526.



Figura 29: Bonhoeffer na Prisão Tegel, 1944

www.giovanimissione.it/.../bonhoeffer.jpg



Figura 30: Paula e Karl Bonhoeffer. Pais de Dietrich – 1945

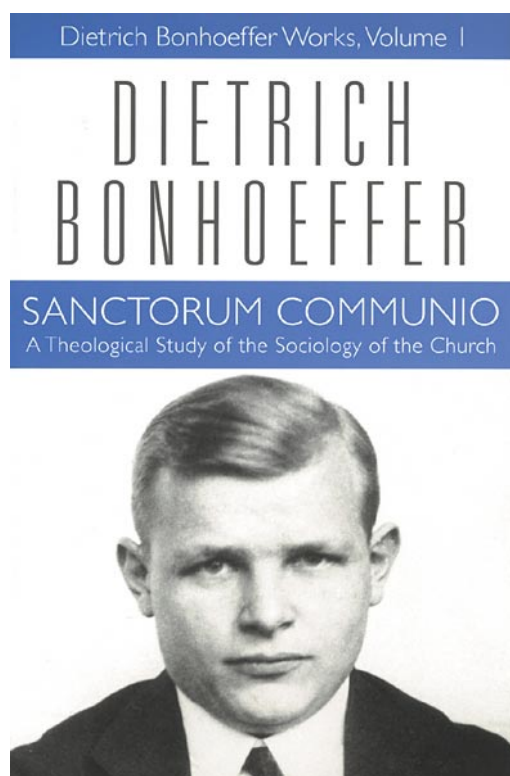


Figura 31

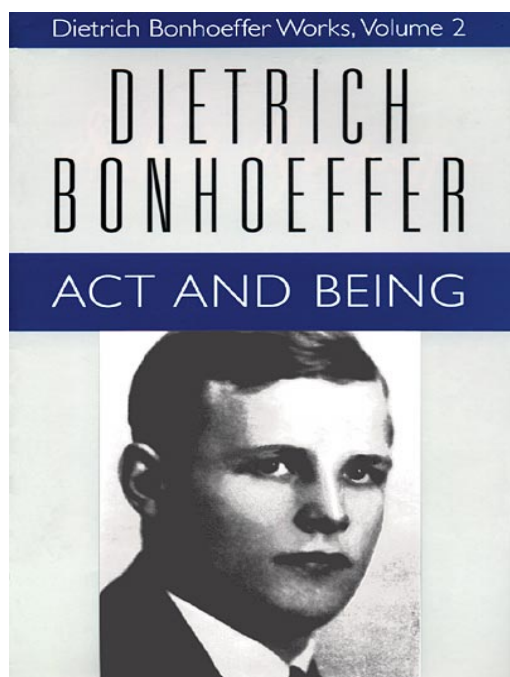


Figura 32

Dietrich Bonhoeffer Works, Volume 3

DIETRICH BONHOEFFER

CREATION AND FALL

A Theological Exposition of Genesis 1-3



Figura 33

DIETRICH BONHOEFFER

DISCIPLESHIP



Figura 34

Dietrich Bonhoeffer Works, Volume 5

DIETRICH BONHOEFFER

LIFE TOGETHER
PRAYERBOOK OF THE BIBLE



Figura 35

Dietrich Bonhoeffer Works, Volume 6

DIETRICH BONHOEFFER

ETHICS



Figura 36

Dietrich Bonhoeffer Works, Volume 7

DIETRICH BONHOEFFER

FICTION FROM TEGEL PRISON



Figura 37

Dietrich Bonhoeffer Works, Volume 9

DIETRICH BONHOEFFER

THE YOUNG BONHOEFFER
1918–1927



Figura 38

Dietrich Bonhoeffer Works, Volume 13

DIETRICH BONHOEFFER

LONDON, 1933–1935



Figura 39

Dietrich Bonhoeffer Works, Volume 16

DIETRICH BONHOEFFER

CONSPIRACY AND IMPRISONMENT
1940–1945



Figura 40

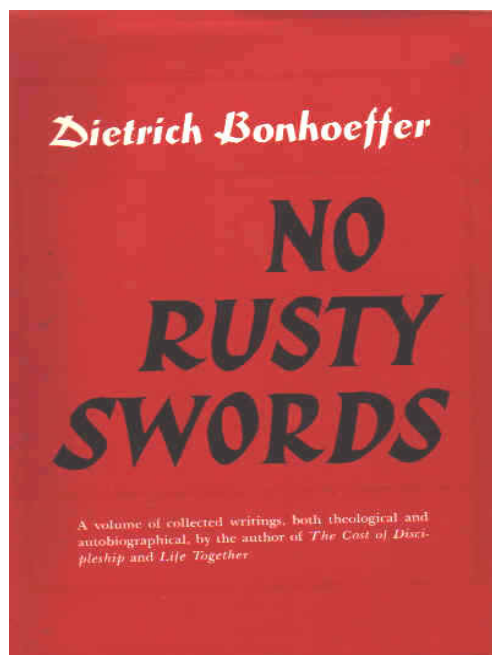


Figura 41



Figura 42

Devido às novas investigações do Departamento Central de Segurança do Reich, Christina von Dohnanyi, através de Renate Bethge, mandou comunicar que a situação estava extremamente perigosa e que a correspondência entre Dietrich e Eberhard deveria ser interrompida. Bonhoeffer propõe continuar. Bethge, em 21 de setembro, escreve a ele dizendo que foi aconselhado veementemente a cessar com as correspondências. Por código avisou ao amigo que ele tem se esforçado no sentido de que a correspondência ilegal seja enviada para a mãe em Kade para ser

colocada em lugar seguro. Nesta mesma carta informou a prisão de outros companheiros ligados à causa ecumênica e diz que certamente o amigo vai entender o seu silêncio.³⁶⁵

Outubro de 1944 foi um mês terrível para a família Bonhoeffer. Dietrich estava planejando fugir da prisão, vestido com um uniforme de mecânico que sua família tinha conseguido e que estava tentando fazer chegar até ele com a ajuda do suboficial Knobloch, que o acompanharia até o portão num dia que estivesse de plantão. Porém, com a prisão do seu irmão Klaus Bonhoeffer, no dia 1º, desistiu do intento. Temia que sua fuga agravasse a situação dos outros membros da família e amigos. No dia 4, seu cunhado Rüdiger Schleicher é preso e no dia seguinte, o mesmo ocorre com Friedrich Justus Perels.³⁶⁶ Dietrich encaminha o Poema “Jonas” para Maria, para que ela o envie a Bethge na certeza de que este saberia de quem ele falava.³⁶⁷ Apesar da gravidade da situação, Bonhoeffer conservou-se sereno. Sua vida permanecia em conexão com o que havia escrito e vivido ao longo dos anos, conforme meditação sobre o Salmo 119:

“Mas se Deus realmente vier, por causa de Cristo, a dar de beber a alguns dos seus o cálice do sofrimento até o amargo fim na cruz e na morte – com o que em todos os tempos ele honrou apenas a poucos – então certamente ele terá preparado de antemão o seu coração de tal forma que justamente eles testemunharão com fé vigorosa de maneira bem nova e com autoridade: *‘Bem aventurados os que andam na lei do Senhor.’*”³⁶⁸

Seus escritos teológicos também expressam essa confiança, como se pode constatar numa das estrofes do poema que escreveu para o Ano Novo:

“Se nos estendes o cálice pesado e amargo
do sofrimento, cheio até a borda,
nós o tomaremos gratos e sem tremor
das tuas mãos plenas de bondade e amor.”³⁶⁹

Após o atentado, a Gestapo descobre o diário de Bonhoeffer, e em 8 de outubro, um domingo de Páscoa, após ele ter dirigido uma meditação para os

³⁶⁵Ibid. p. 548-553.

³⁶⁶Ibid. p. 555.

³⁶⁷Ibid. p. 554-555.

³⁶⁸Ibid. p. 557. Nota 4.

³⁶⁹Ibid. p. 556-557.

companheiros de prisão,³⁷⁰ o transfere para a cela 19 da prisão em Prinz-Albrecht-Strasse, e depois para a cela 24. As celas eram mais apertadas do que as de Tegel.³⁷¹ A troca de correspondências ficou restrita a partir de então. No dia 21 de outubro, tropas americanas ocupam a primeira cidade alemã - Aachen. No dia 28 de outubro, Eberhard Bethge, que estava servindo ao Exército em San Pólo D'Enza, ao saber de sua prisão iminente, destruiu as correspondências que se encontravam em seu poder e no dia 30 foi encarcerado na prisão de Berlim, na rua Lehrter 3.

Os interrogatórios continuaram. Graças ao interesse que o comissário judicial Franz Xaver Sonderegger tinha por Maria, Dietrich continuou recebendo pacotes de comida, roupas e livros nas quartas-feiras, mesmo fora do horário previsto. Dessa forma pode encaminhar, através de Maria, o poema “*Por bons poderes*” e uma carta escrita às pressas para sua mãe Paula, por ocasião do seu aniversário. Aproveitando o pronunciamento de Goebbels, ministro da Propaganda do Reich, que pedia “*um sacrifício da população*”, em 17 de janeiro de 1945 escreveu uma carta para seus pais. Nela pedia que se dispusesse de suas coisas sem hesitação, já que nos dois anos últimos anos tinha aprendido que o ser humano precisa de muito pouco para viver. Dentro dos seus estreitos limites queria fazer alguma coisa pelos que haviam perdido tudo. Para ele, diante da situação, não se tem direito de ter posses. Aproveitou para pedir alguns livros, e que fossem enviados por Maria,³⁷² pois o Comissário Sonderegger os receberia mesmo que fosse fora do horário.³⁷³

No dia 3 de fevereiro seus pais, acompanhados por sua nora Emmi Bonhoeffer, saíram cedo para levar o pacote. Queriam que Dietrich tivesse algo para comemorar o seu 39º aniversário, no dia seguinte. Além do usual, o pacote continha livros, um bolo e uma carta escrita na véspera: “*A lembrança de tantas coisas boas que vivenciaste e a esperança de que o teu tempo de provação chegue logo ao fim farão com que o teu aniversário seja suportável.*”³⁷⁴ Após terem trocado de trem duas vezes, e já sentados dentro do vagão, na estação subterrânea

³⁷⁰Ibid. p. 610.

³⁷¹BETHGE, Dietrich Bonhoeffer: A Biography. p. 907.

³⁷²Maria ficou trabalhando como atendente no consultório de Karl Bonhoeffer e morando com o casal a pedido de Dietrich, de outubro a janeiro de 1945.

³⁷³BONHOEFFER, Resistência e Submissão: cartas e anotações escritas na prisão. p. 558-559.

³⁷⁴BETHGE, Dietrich Bonhoeffer: A Biography. p. 915.

de Anhalter, soou o alarme de guerra. Mais tarde tentaram ir até onde ele estava, mas não os permitiram passar por causa de bombas não detonadas.

Na quarta-feira seguinte seus pais tentaram novamente visitá-lo.³⁷⁵ O pacote contendo o volume de Plutarco foi recebido, mas não permitiram a seus pais vê-lo, nem recebeu a carta de aniversário. Nesta mesma tarde, Bonhoeffer e vinte presos foram transferidos do departamento Central de Segurança do Reich - Prisão subterrânea. Doze foram destinados ao campo de concentração de Buchenwald, entre eles, Bonhoeffer e Josef Müller, um advogado de Munique. Oito foram levados para o campo de concentração de Flossenbürg. Entre estes, Canaris e Oster. Josef Müller relembra os bombardeios à prisão em Prinz-Albrechtstrasse no dia 7 de fevereiro e como a situação física do prédio forçou a retirada e transferência dos presos do imóvel. No momento do encontro, embora a situação não fosse das melhores, houve uma alegria geral entre os companheiros, que puderam desfrutar de um tempo juntos enquanto aguardavam o transporte. Quando levaram Müller e Bonhoeffer algemados para a viatura, Dietrich protestou, inutilmente. Müller disse que então ele o exortou: “*Vamos para a força calmamente, como cristãos.*”³⁷⁶ As algemas só foram removidas em Buchenwald.

Foi só no dia 14 de fevereiro, próximo dia de visitas e entrega de pacotes, que Maria e seus pais descobriram que ele não estava mais em Prinz-Albrechtstrasse para receber os presentes.³⁷⁷

A partir do relato de Payne Best, um oficial do serviço secreto britânico, capturado em 1939 e transferido no dia 24 de fevereiro para o campo de Buchenwald, tem-se informações sobre esse período da vida de Bonhoeffer. Ali passou a viver entre a esperança e o desespero.³⁷⁸ Nas últimas semanas viveu entre prisioneiros e prisioneiras de diversas nações: russos, ingleses, franceses, italianos e alemães e dividiu a cela nº. 1 com von Rabeneau.³⁷⁹

Nesse período pode-se constatar que a teologia não era para Bonhoeffer uma brincadeira intelectual, mas o engajamento com a realidade, com a verdade e

³⁷⁵BONHOEFFER, *Resistência e Submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. p. 11.

³⁷⁶BETHGE, *Dietrich Bonhoeffer: A Biography*. p. 918.

³⁷⁷Ibid. p. 915-916.

³⁷⁸VELASQUES FILHO, *Uma Ética Para os Nossos Dias. Origem e evolução do pensamento ético de DIETRICH BONHOEFFER*. p. 87.

³⁷⁹BETHGE, *Dietrich Bonhoeffer: A Biography*. p. 918.

com Deus.³⁸⁰ Estava disposto a sacrificar tudo para responder responsabilmente, pela fé, sem dualismos, ao chamado de Deus.

2.7

Quando o fim é o começo

No início de abril a ira de Hitler foi provocada pela descoberta do diário completo e os relatórios de viagem do Almirante Wilhelm Canaris. Numa reunião, ao meio-dia do dia 5, decidiu-se pela transferência de Dietrich e outros companheiros para Flossenbürg e por sua execução sumária, junto a outros conspiradores.³⁸¹ Por erro, foram deslocados para uma escola em Schönberg que estava servindo de presídio. Chegaram lá ao entardecer e foram distribuídos em número de cinco em cada sala de aula, nas quais poderiam escolher seus companheiros. Von Rabenau, Pünder, von Falkenhausen e Hoepner dividiram o espaço com Bonhoeffer. Por estarem com fome fizeram muito barulho, o que fez com que o guarda de plantão, abrisse a cozinha para encontrar e distribuir entre eles uma sopa de vegetais. A atmosfera era bem viva e agradável. Colocaram seus nomes sobre suas camas e conversaram livremente.³⁸²

Em comum acordo Best, Falconer e Pünder solicitaram a Bonhoeffer que celebrasse o culto do domingo após a Páscoa, pela manhã. Bonhoeffer não queria fazê-lo, pois, apesar de a maioria dos companheiros ser católica, havia entre eles um ateu russo, de nome Kokorin. Bonhoeffer dividia seu tempo entre apresentar-lhe os fundamentos cristãos e aprender um pouco de russo, mas não queria causar-lhe constrangimento. O próprio Kokorin, contudo, insistiu para que ele realizasse o culto. Bonhoeffer fez algumas orações e comentou sobre o texto do dia: “[...] *pelos suas pisaduras, fomos sarados.*” (Is 53:5) e “*Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua grande misericórdia, nos gerou de novo para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos*” (1 Pe 1:3). Falou acerca dos pensamentos e decisões que a prisão produziu em cada um. Depois desse culto, os outros prisioneiros queriam que ele

³⁸⁰SLANE, *Bonhoeffer, o mártir: responsabilidade social e compromisso cristão moderno*. p. 38-39.

³⁸¹BONHOEFFER e WEDEMEYER, *Cartas de amor desde la prisión*.

³⁸²BETHGE, *Dietrich Bonhoeffer: A Biography*. p. 918-928.

fosse aos seus quartos também para realizar o culto. Porém, pouco depois, a porta se abriu e dois civis chamaram: “*Prisioneiro Bonhoeffer, apronte-se e venha conosco!*”³⁸³

Pegou suas coisas e com um lápis de ponta grossa escreveu seu nome e endereço com letras grandes, na frente, atrás e no meio do livro de Plutarco, deixando o livro para revelar o seu rastro no caos subsequente.³⁸⁴ Dietrich chamou Payne Best e pediu-lhe, caso este conseguisse voltar para casa, que repassasse a seguinte mensagem ao Bispo de Chichester, considerado amigo dos pastores evangélicos da Alemanha: “*Esse é o fim – mas para mim é o começo da vida*”.³⁸⁵

Desta forma, foi removido para Flossenbürg no dia 8 de abril, numa viagem que deve ter durado até tarde da noite. Num julgamento sumário nesta mesma noite, no qual cada prisioneiro era interrogado individualmente e em seguida confrontado com os outros, foram condenados à força por acusação de alta traição e participação no plano de assassinato a Adolf Hitler³⁸⁶: General Hans Oster, o juiz Karl Sack, o Almirante Wilhelm Canaris, o advogado Theodor Strück e o capitão Ludwig Gehre, bem como Dietrich Bonhoeffer.³⁸⁷ E no amanhecer de 9 abril de 1945, descrito como um dia cinzento pelas testemunhas, poucos dias antes do fim da guerra, Bonhoeffer foi executado juntamente com Canaris e os membros do seu grupo. Não se sabe onde estão os seus restos mortais.³⁸⁸

O médico do campo onde aconteceu a execução viu Bonhoeffer sem saber quem ele era. Dez anos depois escreveu:

“Na manhã daquele dia, entre cinco e seis horas, os prisioneiros, incluindo o Almirante Canaris, o General Oster [...] e o advogado do estado Dr. Sack foram levados de suas celas e os vereditos da corte marcial foram lidos para eles. Através de uma porta entre-aberta do quarto do alpendre, vi o Pastor Bonhoeffer, antes de tirar seu uniforme de prisioneiro, ajoelhado no chão orando fervorosamente ao seu Deus. Fiquei profundamente comovido pela maneira incomum como aquele simpático homem orava, tão dedicado e tão certo de que Deus ouvia sua oração. No local da execução, ele novamente fez uma breve

³⁸³Ibid. p. 927.

³⁸⁴Anos mais tarde, um dos filhos de Goerdeler que tinha ficado com o livro, o entregou para a família Bonhoeffer como a última evidência de sua vida.

³⁸⁵BETHGE, *Dietrich Bonhoeffer: A Biography*. p. 927 e 1022 nota 54.

³⁸⁶BRACHER, *La dictadura alemana, II: Génesis, estructura y consecuencias del nacionalsocialismo*. p. 230.

³⁸⁷Em 6 de agosto de 1996, Bonhoeffer foi perdoado e sua reputação reabilitada numa decisão judicial tomada por uma corte de Berlim que o declarou inocente da acusação de alta traição.

³⁸⁸SLANE, *Bonhoeffer, o mártir: responsabilidade social e compromisso cristão moderno*. p. 44.

oração e então corajoso e tranqüilo, subiu os degraus para a forca. Sua morte aconteceu alguns segundos depois. Em quase cinqüenta anos que trabalho como médico, raramente vi um homem morrer tão inteiramente submisso à vontade de Deus.”³⁸⁹

O cunhado de Bonhoeffer Hans von Dohnanyi, já doente,³⁹⁰ foi morto em Sachsenhausen.³⁹¹ No dia 23 de abril, um comando da SS, simulando a liberação dos presos,³⁹² assassinou Klaus Bonhoeffer, Rüdiger Schleicher, Friedrich Justus Perels e Hans John junto à estação ferroviária de Lehrter, em Berlim, onde foram mantidos os presos políticos do dia 20 de julho.³⁹³ Segundo Bracher, “*nem um só protagonista do golpe de Estado, e quase nenhum dos cúmplices, sobreviveu à matança com que o regime nacional-socialista abandonou o cenário da história mundial.*”³⁹⁴

Aos 39 anos completos, devido a sua convicção, crença e militância ativa de oposição a Hitler, a quem chamou de anticristo, Dietrich Bonhoeffer foi enforcado nu e com as mãos amarradas. A morte de Hitler seguiu-se à de Bonhoeffer com o espaço de apenas três semanas.³⁹⁵

Os fragmentos de algumas de suas cartas, abaixo transcritos, atestam sua opção, convicções e permanência até o fim nas decisões tomadas:

“A propósito, é preciso que saibas que, até agora, em nenhum momento me arrependi do meu regresso em 1939, nem de qualquer outra coisa que se seguiu. Tudo aconteceu com total clareza e com a melhor das consciências. Não quero riscar da minha vida nada do que aconteceu desde então, nem as coisas pessoais [...] nem as gerais”.³⁹⁶

“Muitas vezes, admiro-me de quão pouco eu, ao contrário de quase todos os outros aqui, fico remoendo erros do passado etc., ou seja, pensando, p. ex., que se eu tivesse feito isso ou aquilo de outra forma, hoje muita coisa seria bem diferente. Isso não me aflige nem um pouco. Tudo parece forçoso, necessário, retilíneo, determinado por uma condução mais elevada. Também tens essa sensação?”³⁹⁷

³⁸⁹BETHGE, Dietrich Bonhoeffer: A Biography. p. 927-928.

³⁹⁰BRACHER, La dictadura alemana, II: Génesis, estructura y consecuencias del nacionalsocialismo. p. 230.

³⁹¹BONHOEFFER, Resistência e Submissão: cartas e anotações escritas na prisão. p. 610.

³⁹²BRACHER, La dictadura alemana, II: Génesis, estructura y consecuencias del nacionalsocialismo. p. 230.

³⁹³BETHGE, Dietrich Bonhoeffer: A Biography.

³⁹⁴BRACHER, La dictadura alemana, II: Génesis, estructura y consecuencias del nacionalsocialismo. p. 230.

³⁹⁵SLANE, Bonhoeffer, o mártir: responsabilidade social e compromisso cristão moderno. p. 133.

³⁹⁶BONHOEFFER, Resistência e Submissão: cartas e anotações escritas na prisão. p. 234-235, carta de 18.12.1943.

³⁹⁷Ibid. p. 364-365, carta de 22.04.1944.

Bonhoeffer jamais procurou justificar suas atividades conspiratórias apelando a princípios éticos. Ao contrário, para ele a responsabilidade livre “se baseia em um Deus que exige o livre risco da fé na ação responsável e promete perdão e conforto a quem se torna pecador dessa maneira.”³⁹⁸ Ele não se desculpou pela participação no complô, especialmente o plano para remover Hitler do poder por meio do assassinato. Anteriormente ao plano, já via a si mesmo e à sua Igreja como culpados, estava pronto tanto para morrer como para suportar a culpa dos seus atos. Para ele a fé exige uma elasticidade de comportamento no qual tanto a mística como a militância são necessárias “para confrontar o destino tão resolutamente quanto nos submetemos a ele no momento certo”.³⁹⁹

Ao longo dos anos, os escritos de Bonhoeffer têm despertado a atenção de muitos. Seu exemplo também tem motivado alguns a uma vida de comunhão mais profunda com Deus, consigo mesmo e com o próximo, a um conseqüente compromisso social, isto é, a uma mística impregnada de militância, sem dualismos. Bonhoeffer deixou, em sua vida e escritos, um testemunho muito rico acerca de como se pode percorrer o itinerário espiritual que, fiel à autêntica proposta do Evangelho, leve à superação do fosso entre fé e vida.

2.8

Conclusão

A vida, a obra e a morte de Dietrich Bonhoeffer mostram de maneira incontestável que o cristianismo real não é uma fantasia utópica. Por cristianismo real entende-se a radical inserção da proposta de vida e pensamento cristãos no curso vivo dos acontecimentos históricos,⁴⁰⁰ resposta categórica às concepções, situações, estruturas e atos que de uma ou outra forma desafiem a perspectiva do ser humano como imagem e semelhança divinas e o mundo, como reivindicação

³⁹⁸Ibid. p. 31.

³⁹⁹BONHOEFFER, D., *Letters and Papers from Prison*, Ed. ampl. EBERHAD BETHGE ed. (New York: Macmillan, 1972). p. 217-218.

⁴⁰⁰TÖDT et al., eds., *Dietrich Bonhoeffer Works*, Volume 6 - Ethics. p. 239.

legítima do Reino de Deus.⁴⁰¹ Como Santo Agostinho, Bonhoeffer entendia que a pessoa humana foi feita por Deus e para Deus, só em Deus encontra paz, alegria e sentido em sua existência.⁴⁰²

O radical engajamento teológico e político de Bonhoeffer não foi o efeito automático de idéias abstratas e sim de sua compreensão, moldada pela fé cristã, de que o cristianismo precisa responder as perguntas espiritualmente relevantes formuladas pelo mundo. A incondicional adesão da pessoa ao discipulado cristão já é uma forma de resposta, que se desdobra em muitas outras, conforme o teor específico dos acontecimentos em questão.

As indagações o mundo sempre as formulará, tendo em vista a autonomia que sua própria natureza comporta e exige, mas também as condições pelas quais ela é legitimada no âmbito de suas relações com outras instâncias autônomas, Deus em particular. O que nem sempre ocorre é a disposição dos chamados cristãos em responder a elas, seja por não perceberem sua importância e conteúdo essencial, seja por não alcançarem o objetivo de sua formulação e suas implicações para fé. Como ideologia e prática totalitárias, o nazismo representou um projeto de perfil nitidamente desumano, razão pela qual a resposta cristã precisava ser clara e insofismável. A essa tarefa Dietrich Bonhoeffer se devotou de modo incondicional e apaixonado.

Teólogo de grandes méritos, Bonhoeffer entendeu que não tinha o direito de falar como falou se não se dispusesse a agir de maneira compatível. Sua profunda honestidade intelectual o levou ao entendimento de que fé cristã autêntica é pensar, falar e agir em consonância com o exemplo e o comando pessoal de Jesus Cristo. Em outras palavras: ser cristão é andar como Cristo andou (1 João 2:6) – ainda que o destino final da caminhada seja o martírio. Esta é a única resposta que o mundo pode entender, isto é, o testemunho cristão coerente.

⁴⁰¹No capítulo História e Deus 1, da Ética de Bonhoeffer, ele escreve: “O sermão da Montanha apresenta o evento da reconciliação do mundo com Deus, em Jesus Cristo, àqueles chamados a agir dentro da história, dessa forma colocando-os diante da verdadeira responsabilidade cristã. Esta verdadeira responsabilidade cristã engloba todas as atividades dentro do mundo.” p. 239.

⁴⁰²Confissões

No próximo capítulo será visto como o testemunho de um profetismo responsável, como o de Bonhoeffer, pode ajudar a Igreja Batista brasileira, influenciada pelo dualismo, a buscar uma integração entre mística e militância de forma que a evangelização produza uma verdadeira metanoia.